

Modificadores Corporais:
A Maquiagem como
ferramenta política
nas *Artes Visuais*



★ Ea Damaia Alves Silva Prado ★

UNESP - Universidade Estadual
Paulista "Júlio Mesquita Filho"

2023
São Paulo

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA FILHO”

Ea Damaia Alves Silva Prado

Modificadores Corporais: A Maquiagem como
Ferramenta Política nas Artes Visuais

São Paulo

2023

Ea Damaia Alves Silva Prado

Modificadores Corporais: A Maquiagem como Ferramenta Política nas Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no curso de Graduação em
Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel
em Artes Visuais, sob orientação de
Rosangella Leote e coorientação de
Márcio Ricardo Desideri.

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

P896m Prado, Ea Damaia Alves Silva, 1998-

Modificadores corporais : a maquiagem como ferramenta política nas
Artes Visuais / Ea Damaia Alves Silva Prado. -- São Paulo, 2023.
142 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangela da Silva Leote.

Coorientador: Me. Marcio Ricardo Desideri.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte. 2. Maquiagem (Técnica). 3. Imagem corporal na arte. 4. Arte -
Aspectos políticos. I. Leote, Rosangela (Rosangela da Silva Leote). II.
Desideri, Marcio Ricardo, 1985-. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto
de Artes. IV. Título.

CDD 791.43027

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Ea Damaia Alves Silva Prado

Modificadores Corporais: A Maquiagem como Ferramenta Política nas Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Dissertação aprovada em: 24 / 11 / 2023

Banca Examinadora

Professora Doutora Rosangella Leote - Orientadora

Mestre Márcio Ricardo Desideri - Coorientador

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe Lucy por sempre me apoiar, me ajudar e estar comigo para tudo.

Aos meus amores, filho Boni, Motoca e Mimi por me confortar sempre que precisei.

Agradeço ao Cucas por toda paciência e gentileza em me ajudar.

Agradeço ao Léo Oliveira pelas revisões e sugestões preciosas.

Agradeço ao Marcio Desideri por aceitar e se dispor a fazer parte da banca examinadora.

Agradeço à minha orientadora Rosangella Leote por me acompanhar nessa jornada.

Ao Instituto de Artes IA por oferecer espaço para que eu pudesse desenvolver meus trabalhos.

E por fim, agradeço a todos que fizeram parte desse processo desafiador que foi realizar este TCC.

Resumo

Este trabalho investiga a maquiagem nas artes visuais, conectando-a a outras áreas de conhecimento. A pesquisa se divide em duas partes: a primeira investiga teoricamente a presença da maquiagem em subculturas, manifestações artísticas, sua relação com a expressão de gênero e seu papel como tecnologia do corpo, considerando-a como modificadora corporal e dispositivo protético. A segunda parte analisa os processos artísticos do autor com a maquiagem, destacando influências e apresentando ensaios resultantes de seu trabalho ao longo dos anos de 2020 a 2023.

Palavras-chave: *maquiagem; artes visuais; modificadores corporais; dispositivo protético; ferramenta política.*

Abstract

This work investigates makeup in the visual arts, connecting it to other areas of knowledge. The research is divided into two parts: the first part theoretically investigates the presence of makeup in subcultures, artistic manifestations, and the relationship with gender expression, and its role as a body technology, considering it as a body modifier and prosthetic device. The second part analyzes the author's artistic processes with makeup, highlighting influences and presenting essays as a result of their work from 2020 to 2023.

Keywords: *make-up; visual arts; body modification; prosthetic device; political tools.*

Sumário

1 Introdução	10
2 Maquiagem nas Artes Visuais	12
2.1 Breve história da Maquiagem	13
2.2 Maquiagem e Tecnologia	20
2.3 Maquiagem e Subculturas	29
2.4 Expressão de Gênero	38
2.5 Arte Drag: Queens, Queer e Kings	43
3 Modificadores Corporais	49
3.1 Dispositivos Protéticos	52
3.2 Maquiagem como Prótese	57
4 Processos com Maquiagem	60
4.1 Contato Inicial e Automaquiagem	61
4.2 Desenhos e Croquis: Formas de Criação	66
4.3 Unmã: Drag ou Cosplay?	84
5 Atendimentos	94
6 Ensaio para Portfólio	100
7 Considerações Finais.....	128
8 Referências	130
9 Apêndice	133

1 Introdução

Nesta exploração da maquiagem como uma expressão artística e cultural, este trabalho busca revelar as complexas camadas que a tornam uma linguagem visual intrigante e transformadora. Através da análise histórica, cultural e técnica, iluminamos o valor da maquiagem nas artes visuais e na construção da identidade humana.

A maquiagem transcende a superfície e desafia a impressão inicial de superficialidade, mostrando-se uma ferramenta poderosa de expressão, integração e enfrentamento de normas. Sua evolução ao longo do tempo revela uma interseção complexa entre arte, cultura, identidade e tecnologia, enraizando-se em subculturas e estabelecendo conexões com a era digital.

Começamos nossa exploração examinando as origens da maquiagem, desde a pré-história até os dias atuais, explorando sua presença em práticas espirituais, guerras, pertencimento a grupos e manifestações de ideologias em subculturas. Investigamos a história da maquiagem e suas técnicas sofisticadas, como apresentadas por Tinelli.

Além disso, abordamos a relação da maquiagem com a tecnologia, considerando esses avanços acerca de formulações sofisticadas e considerando como parte e incorporada às tecnologias do corpo, tomando como referência a perspectiva Paul Preciado.

Destacamos o papel significativo da maquiagem na expressão pessoal e de gênero em diversas subculturas e manifestações artísticas, com ênfase na presença da maquiagem nas subculturas e na arte Drag, que são referências apreciadas para o autor. Conforme adentramos no território da maquiagem, consideramos seu

potencial transformador, identificando-a como modificadora corporal e dispositivo protético.

Observamos como a maquiagem atua como uma forma de prótese , permitindo que indivíduos comuniquem visões únicas de si mesmos e expandindo as possibilidades do corpo.

Ao analisar os processos do autor ocorridos entre 2020 e 2023, descrevemos formas de criação, influências e referências do autor no uso da maquiagem na construção de sua identidade, incorporando outras linguagens artísticas, como desenho, pintura, fotografia, internet, histórias em quadrinhos e publicações independentes.

E por fim, apresentamos os trabalhos resultantes desse período, apoiando-nos nas reflexões de Cecília Salles sobre processos artísticos e pessoais, ressaltando a natureza em constante evolução desses processos e suas interações com a maquiagem, o gênero e seu potencial como ferramenta política.

2 Maquiagem nas Artes Visuais

A maquiagem nas artes visuais muitas vezes é subestimada por ser considerada adjacente a outras formas de arte, como por exemplo a fotografia, na qual a imagem é o produto final, e a maquiagem é vista como um meio integrante, bem como um possível cenário no qual a arte fotográfica é criada. No campo acadêmico, a maquiagem nas artes visuais frequentemente carece de destaque merecido, sendo relegada a um papel secundário em relação a outras disciplinas, como teatro e o audiovisual. No entanto, a maquiagem pode revelar um vasto e inexplorado universo no sentido de arte, política, gênero, tecnologia e prótese. Essas conexões serão exploradas em detalhe nos próximos capítulos.

Iniciaremos nossa jornada nos próximos capítulos explorando o papel da maquiagem nas artes visuais. Começaremos com uma breve história da maquiagem e de seus usos ao longo das eras da humanidade, destacando sua importância na construção visual e estética, abordando sua presença na contemporaneidade, especialmente nas subculturas, e aprofundaremos a análise de sua conexão performance e gênero. Além disso, discutiremos como a maquiagem atua como um modificador corporal, funcionando como dispositivo protético que altera as proporções do corpo para criar uma aparência nova.

Também exploraremos as tecnologias e sofisticações na formulação de produtos e cosméticos, reconhecendo a maquiagem como uma tecnologia do corpo capaz de expressar identidade e gênero, indo muito além das expectativas de como a maquiagem pode ser usada, enxergando-a não apenas como um artifício de beleza, mas também como uma ferramenta política.

2.1 Breve História da Maquiagem

A maquiagem é uma forma de arte, como o próprio termo sugere, a palavra "maquillage" tem origem no francês e significa "pintura sobre a pele." Portanto, maquiar é, essencialmente, uma prática artística que envolve a aplicação de pintura, disfarce ou ilusão sobre a pele de um corpo.

A maquiagem é símbolo de empoderamento, beleza e vaidade, usada para embelezamento, guerra, práticas espirituais e ritualística, cinema, teatro, uso medicinal entre outros usos. Maquiar consiste na aplicação de produtos com efeito cosmético, de embelezamento, ou disfarce, seguindo-se alguns casos os ditames da moda e com uso de substâncias especificamente destinadas a tal fim (PAVIS, 2008). Pintar o rosto e o corpo expressa sua cultura, um costume que remonta aos povos da antiguidade até os dias atuais. Ao longo da história humana, encontramos registros da maquiagem desde os tempos Pré-históricos, passando pela Antiguidade, pelo Antigo Egito, até os dias atuais, do seu uso em diversas finalidades.

No período Paleolítico Superior (30.000 a 10.000 a.C) surge a maquiagem corporal para guerreiros, curandeiros e chefes de tribos (TINELLI, p. 23), utilizando artifícios vindos da terra, como calcário branco e sangue de animais, sendo que os primeiros indícios de maquiagem foram encontrados em cavernas da África do Sul, e eram usados provavelmente de forma ritualística.

No Neolítico (5.000 a.C) temos as primeiras evidências de práticas como a escarificação, que consiste no corte da pele para criar marcas em alto-relevo. Já na antiguidade é possível encontrar exemplos do uso de diversos materiais para a confecção do rosto e do corpo. Sobre os sumérios, Tinelli diz:

Matéria-prima como a hena, a terra vermelha, o ocre, o índigo, o açafrão, o carvão, as frutas vermelhas, as rosas e as flores coloridas estavam presentes para colorir o rosto das mulheres na antiguidade. Também há indícios de uso do chumbo e do sulfeto de antimônio, altamente tóxicos, usados nos olhos para escurecer, proteger e curar doenças oculares.” (TINELLI, 2016, p. 25)

Na Babilônia, após o declínio do império sumério, homens e mulheres começaram a se maquiar com intensidade, colorindo os olhos com Kohl, um pigmento preto, além de usarem perucas, herança dos sumérios e que viria a ser passado para os egípcios. (TINELLI, p. 25).

O Egito Antigo é uma das civilizações que mais deixaram evidências do uso de maquiagem. Por volta de 3.200 a.C a prática de se maquiar era comum, e era enfatizada a pintura nos olhos com o Kohl e com o índigo.

Portanto, podemos observar o quão antigo é o uso da maquiagem, se mostrando ser uma prática milenar. À medida que os anos passam, novos hábitos, tendências e tecnologias emergem, e a maquiagem acompanha essa evolução, adaptando-se às mudanças na sociedade e em suas expressões. No âmbito da tecnologia, a maquiagem não apenas avançou em suas fórmulas sofisticadas e alto desempenho, mas também como parte das tecnologias do corpo, revelando seu potencial como meio de expressão pessoal e de identidade, além de sua presença nas subculturas. De tempos em tempos, a maquiagem se modifica e se atualiza, novos produtos são inventados, novas tendências surgem e novas desconstruções são feitas a partir da arte de maquiar.

A maquiagem abriga inúmeros códigos que expressam a personalidade, a conexão com culturas e subculturas, e até mesmo elementos étnicos. Ela incorpora traços de identidade pessoal, bem como preferências individuais, posicionamento político e outros códigos e significados (DESIDERI, 2021).

Partindo da perspectiva de Foucault, em que ele desenvolve o pensamento de que todo corpo é político, podemos considerar que a maquiagem, tem potencial para se tornar uma ferramenta política uma vez que seu uso em determinado contexto pode evocar um desvio do status sociopolítico para um corpo dissidente. Foucault argumentou que o corpo desempenha um papel fundamental nas dinâmicas de poder e controle político. Ele enfatizou como o poder é exercido não apenas por meio de leis e instituições, mas também por meio da regulamentação e disciplina dos corpos individuais e da população em geral. Suas ideias influenciaram significativamente os estudos sobre o poder, a política e a identidade nas ciências sociais e na filosofia.

Portanto, a maquiagem possui a capacidade de criar ilusões que transcendem as possibilidades convencionais de expressão. Através da maquiagem, é possível se transformar em qualquer pessoa, criatura ou personagem desejado, superando as limitações da binaridade de gênero. Esse potencial estende-se a diversos campos, como as artes visuais, o cinema, a política e além da nossa imaginação.

Uma das manifestações artísticas da maquiagem é a Arte Drag, que teve origem na comunidade LGBTQIAP+. Nesse contexto, a maquiagem se torna um símbolo de resistência, subvertendo os padrões convencionais de beleza. Nos Estados Unidos, em particular, a Arte Drag alcançou uma visibilidade significativa, impulsionada por uma cultura diversificada e poderosa que emergiu de grupos minoritários e marginalizados. Neste contexto, a maquiagem e o conjunto de outros

elementos, como figurino e performance, atuam como resistência política, especialmente quando se trata da comunidade *Queer*¹. Nem todas as pessoas LGBTQIAP+ usam maquiagem, assim como nem todas as pessoas que usam maquiagem são LGBTQIAP+. No entanto, a maquiagem pode ser utilizada por esses grupos como forma de expressão, resistência e enfrentamento à norma, tornando assim, uma ferramenta política além de meramente embelezamento ou como elemento presente em culturas e subculturas, trazendo à tona uma complexidade muito maior para seu uso.

Ao longo do tempo, novas tendências surgem para refletir a época em que vivemos, e o universo da maquiagem não é exceção. Em diferentes períodos, certos estilos de maquiagem se destacam e as tendências evoluem para acompanhar essas mudanças. Observamos uma série de transformações, desde décadas passadas até os dias atuais.

Após a queda do Império Romano, por volta de 476 d.C., com a ascensão do Cristianismo, tudo o que estava relacionado à beleza, saúde e à maquiagem passou a ser considerado como "pecado" e como resultado, a população enfrentou um período de decadência, associado a sujeira e mau cheiro, o que acabou sendo chamado, de forma apropriada nas eras posteriores, de "Idade das Trevas".

A maquiagem foi proibida durante a Idade Média com a justificativa de ser considerada algo vulgar e pervertido pela Igreja, levando ao seu banimento nesse período. No entanto, ao longo do tempo, ocorreram diversas mudanças na sociedade. Com o Renascimento, um movimento de restauração dos valores da elegância, beleza e cultura que ressurgiu na Itália. Isso se manifestou através da pintura, escultura e arquitetura, contribuindo para a renovação dos costumes e

¹ "Queer" termo cunhado por Teresa de Laurentis. Reflete uma compreensão mais ampla e fluida da sexualidade e da identidade de gênero, enfatizando a diversidade e a não conformidade. Foi historicamente pejorativo, mas hoje é adotado como um termo inclusivo e abrangente pela comunidade LGBTQIAP+.

gradualmente trazendo de volta o uso e a popularização da maquiagem, especialmente com a retomada de seu uso pela realeza.

No início do século XX, surgiram grandes nomes na indústria cosmética, incluindo Helena Rubinstein, que estabeleceu o primeiro espaço de beleza com atendimento personalizado. Além disso, ela ofereceu cursos de embelezamento para ensinar as pessoas a cuidar da pele e aplicar maquiagem.

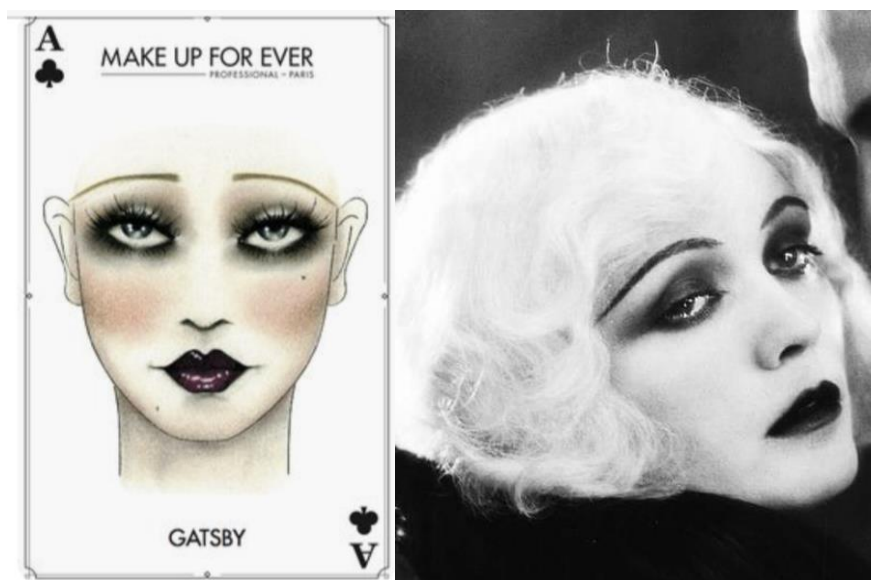
Outro nome de grande destaque na história da maquiagem é Max Factor, conhecido como "O Pai da Maquiagem". Ao longo de sua vida, Max Factor atendeu a famílias reais, a nobreza Russa e a Grande Ópera Imperial Russa. Ele também trabalhou em salões de beleza e estabeleceu sua própria loja de cosméticos e maquiagem nos arredores de Moscou. Posteriormente, ele e sua família se mudaram para os Estados Unidos, onde ele se dedicou a maquiar atrizes no cinema mudo, desempenhando um papel fundamental na moldagem da imagem dessas estrelas de cinema.

Max Factor foi o pioneiro ao cunhar o termo "make-up" e introduziu várias inovações duradouras no mundo da maquiagem, muitas das quais são usadas até os dias de hoje. Entre suas contribuições notáveis estão a criação do pancake, cílios postiços, batons de longa duração, o lip gloss, a primeira linha de maquiagem à prova d'água, o esmalte branco aplicado nas pontas das unhas, como a conhecida "francesinha" usada até hoje, a primeira máscara incolor e diversas outras inovações voltadas para atender às necessidades do cinema e da televisão. Sua contribuição para o universo da maquiagem e dos cosméticos lhe rendeu um Oscar em reconhecimento por suas realizações (TINELLI, p. 41-43).

Na década de 1920, a maquiagem ressurgiu com força, iniciando uma revolução em Paris que transformou o conceito do batom. Agora, ele era produzido em grande escala e apresentado em um formato de bala cilíndrica fixada em um

tubo giratório, um design que permanece em uso até hoje. Esse avanço tornou a maquiagem acessível para uso doméstico, permitindo que as pessoas carregassem seus produtos pessoais. Nessa mesma época, as "melindrosas" ganharam popularidade, um termo usado para descrever mulheres jovens que adotaram um estilo de vida ousado. Elas usavam roupas curtas, abandonaram o uso de espartilhos, cortavam o cabelo curto e desafiavam as normas tradicionais de comportamento feminino dançando jazz e charleston de maneira provocativa. Esse visual mesclava elementos de inocência e sensualidade, desempenhando um papel importante no empoderamento feminino da época.

Figura 1 - Maquiagem anos 20.



Fonte: Página Black flowers of the Second layer.

Saltando para a década de 1970, nos Estados Unidos, a maquiagem foi influenciada pelo movimento hippie, caracterizada por cores alegres e vibrantes que refletiam sensibilidade e liberdade de expressão. Nesse período, o uso de maquiagem colorida se tornou cada vez mais comum, incluindo a aplicação de

glitters e desenhos. Foi também nessa década que a marca britânica de cosméticos Biba lançou a primeira linha especialmente desenvolvida para peles negras.

À medida que a década de 1980 avançava, a ênfase recaiu sobre a sensualidade, levando a uma produção de beleza mais elaborada, com unhas longas, saltos altos e muitos acessórios, todos caracterizados pelo exagero, brilho e cores vibrantes.

Nos anos 1990, a maquiagem passou por novas transformações, fortemente influenciada pelo rock and roll. Ela adotou elementos da cultura de rua, com a popularização de piercings, gosto por tribais, uso de tatuagens e um estilo inspirado no movimento grunge. Esse período também foi marcado pelo surgimento e consolidação de subculturas, como o movimento gótico, emo e punk, que ainda têm influência na estética contemporânea.

Finalmente chegando aos anos 2000, a internet emergiu como uma grande novidade, trazendo consigo novas estéticas ao passo que nesse período, observou-se uma onda de nostalgia, com tendências que abraçaram elementos de épocas passadas, reinventando em estilos, mesclando influências de épocas diferentes. Atualmente, a maquiagem exibe uma ampla gama de cores, brilho e *multichrome*, além de lábios e olhos bem delineados, que se popularizaram, principalmente, por meio das redes sociais e plataformas de entretenimento.

Com a integração da internet no estilo de vida da sociedade, fica evidente como as relações estão se estreitando, permitindo que as pessoas acessem diferentes tendências e culturas de todo o mundo. No próximo capítulo, aprofundaremos como a internet e o avanço tecnológico influenciaram as novas tendências na maquiagem e o surgimento de fenômenos específicos, como as redes sociais e sua influência na criação de novas subculturas. Também discutiremos

como os avanços tecnológicos afetam a fabricação de novos produtos e as novas formas de uso da maquiagem, para além do mero embelezamento.

Figura 2 - Maquiagem por Annika Blüger, 2023.



Fonte: Fotografia Nobody.

2.2 Maquiagem e Tecnologia

Nas primeiras evidências do uso de maquiagem pela humanidade, essa prática era rudimentar e muitas vezes apresentava riscos para a saúde devido à presença de substâncias tóxicas e nocivas. Diversos materiais eram utilizados, como malaquita, antimônio, cobre, mel, arceno, rosas, papoulas, bem como várias variações de cobre, mercúrio e ferro. Essas pinturas para a pele incluíam cores como o azul do óxido de cobre, o amarelo do ouro, pigmentos de argila, o preto do carvão, e o verde de malaquita. Outros ingredientes, como o cinábrio genuíno, a laurenita e

o carmim para os lábios, eram obtidos a partir de insetos. Além disso, raízes poderosas, como a púrpura, também eram usadas nesse contexto.

Uma das principais áreas em que a tecnologia impactou a maquiagem é a formulação dos produtos. Novas técnicas e ingredientes têm sido utilizados para criar cosméticos de alta qualidade, com texturas mais leves, durabilidade prolongada e resultados mais naturais. A tecnologia de ponta tem permitido o uso de pigmentos micronizados, que proporcionam cores mais intensas e precisas, bem como ingredientes que melhoram a aderência e a longevidade dos produtos na pele, conferindo formulações mais sofisticadas.

Existem produtos desenvolvidos para alcançar resultados refinados na maquiagem, como o primer, que é usado na preparação da pele e na melhoria da durabilidade e fixação da maquiagem. Também existem fixadores e outros produtos recomendados para otimizar o desempenho. Vejamos o que Tinelli nos explica sobre as utilidades do primer:

Como o nome diz, primer ou pré-maquiagem, significa preparar a pele antes da aplicação da base, hidratando e reduzindo o brilho excessivo da pele, para prolongar o efeito da maquiagem. Ele também minimiza a aparência dos poros, rugas e linhas de expressão, formando um filme invisível que deixa a pele uniforme. (TINELLI, 2016, p. 89)

Além desses produtos para a pele, também podemos encontrar produtos para fins de efeitos especiais, como próteses de silicone usadas frequentemente em filmes para criar feridas de efeitos especiais, cortes e até mesmo para dar vida a personagens no audiovisual e cinema. Neste caso, o uso de próteses pode servir a

diversas finalidades, incluindo objetivos estéticos e modificações corporais para criar aparências de criaturas ou personagens. Um exemplo disso é a cantora Melanie Martinez, que utilizou próteses de silicone em uma de suas apresentações no evento musical Lollapalooza, realizado no Brasil em 2023. Melanie surpreendeu o público ao adotar uma aparência totalmente nova, o que estava alinhado com o significado de sua performance, representando uma transição para uma nova fase em sua carreira. Durante sua apresentação no Lollapalooza, Melanie usou próteses que modificam a forma de seu rosto, conferindo-lhe orelhas de elfo e uma maquiagem que a fazia parecer ter dois pares de olhos. Ela demonstrou estar mais à vontade e confiante no palco do que em apresentações anteriores no país, coordenando seus movimentos com dançarinos para criar uma atmosfera verdadeiramente excêntrica.

Figura 3 - Melanie Martinez no Lollapalooza, em 2023 no Brasil.



Fonte: Adriano Vizoni, Folha de São Paulo.

Outro exemplo de uso de próteses é especialmente evidente no cinema, onde atores modificam completamente seus corpos para se adequar ao roteiro e se transformar em verdadeiras criaturas sobrenaturais. Um exemplo memorável é o personagem Fauno de "O Labirinto do Fauno", um filme dirigido por Guillermo Del Toro, conhecido por suas caracterizações impressionantes e monstruosas. Além do

Fauno, personagens como HellBoy também se destacam pelo uso de próteses e maquiagem em suas caracterizações.

Figura 4 - O Fauno.



Figura 4 - O Labirinto do Fauno, 2006.

Por outro lado, com muita ajuda de propagandas, anúncios e das redes sociais, há um estímulo intenso para o consumo de cosméticos e produtos, sendo uma das indústrias que mais crescem nos últimos anos. De acordo com a Fashion Network, o mercado de beleza cresceu 42% nos últimos cinco anos na América Latina, sendo o mercado de cosméticos e beleza um dos que mais crescem atualmente.

A internet é um ambiente que contribui muito para o consumo de maquiagem. As redes sociais são repletas de resenhas, tendências e edições relacionadas a conteúdos de maquiagem, bem como outros conteúdos em que a maquiagem é um elemento indireto. Esses hábitos acabam se tornando parte da cultura internauta e despertando o interesse de novos consumidores. Internautas são bombardeados diariamente com inúmeras publicidades, especialmente direcionadas pelo algoritmo de cada usuário. É muito comum encontrar anúncios e propagandas de maquiagem enquanto se navega na internet. Além disso, as novas

tendências em redes sociais e plataformas de entretenimento como o TikTok apresentam vídeos e mais vídeos com conteúdo que envolve maquiagem, como edições e transições, blogueiragem² e resenhas de marcas e produtos.

Atualmente, há diversas marcas nacionais que se destacam no mercado, como Ruby Rose, Dailus, Vult, entre outras. Além disso, marcas associadas a blogueiras, como Bruna Tavares, Mari Maria, Mariana Saad com Océane, Boca Rosa com Payot e Niina Secrets com Eudora, também ganham destaque. Esse fenômeno ocorre no Brasil porque blogueiras que ganham fama, frequentemente lançam suas próprias marcas ou linhas de maquiagem, ou estabelecem parcerias com outras marcas já existentes no mercado para criar suas próprias linhas de produtos.

Isso reflete em como a internet tem influenciado e moldado a forma de consumo e novas tendências.

Todo esse consumo também é sintomático do sistema capitalista, que causa a ilusão da necessidade de itens que não precisamos, e com maquiagem não é diferente. Atualmente, o mundo da maquiagem se tornou um terreno de contrastes e contradições, onde as características poderosas e transformadoras dessa prática coexistem com as complexidades de um sistema capitalista que pode alimentar hábitos de consumo excessivo. A maquiagem, uma forma de expressão pessoal e artística, assume diferentes papéis na sociedade contemporânea, trazendo à tona debates sobre empoderamento, identidade e consumo desenfreado.

No entanto, à medida que a maquiagem se torna cada vez mais presente na cultura popular e nas plataformas de mídia social, o sistema capitalista encontra uma maneira de capitalizar essa tendência. O consumo exagerado é alimentado por uma torrente de propagandas e estímulos que nos incentivam a adquirir produtos

² "Blogueiragem" é uma gíria usada no Brasil para se referir ao comportamento ou estilo de vida de blogueiros, influenciadores digitais ou produtores de conteúdo em redes sociais ou plataformas de entretenimento.

de maquiagem em um ritmo acelerado. A busca incessante por novas coleções, lançamentos e tendências resulta em acumulação desnecessária, levando a um ciclo de compras sem fim.

A pressão social para alcançar os padrões de beleza idealizados pela indústria da beleza pode intensificar o comportamento consumista, levando as pessoas a verem a maquiagem como a única forma de aceitar seus próprios corpos. Isso pode resultar em uma condição de dependência e impactar a saúde mental, criando um sentimento de aprisionamento ou tornando a maquiagem um elemento essencial para se sentir integrado a algum grupo específico. Isso pode, por sua vez, gerar dificuldades de auto aceitação e aceitação por parte de outras pessoas.

Por um lado, a maquiagem pode incutir nas pessoas um sentimento de liberdade e empoderamento, transcendendo as fronteiras estabelecidas e desafiando as normas tradicionais de beleza e gênero. Ela se torna uma ferramenta política que permite aos indivíduos expressarem sua autenticidade e se sentirem confiantes em sua própria pele. Através do uso de cores, texturas e estilos, a maquiagem possibilita a criação de personas³ únicas e o fortalecimento das identidades pessoais, além de servir como uma ponte para a integração em grupos.

Ela se transforma em um veículo de resistência, redefinindo padrões estéticos e desafiando estereótipos preconceituosos.

Portanto o uso da maquiagem levanta questões contraditórias em relação ao seu uso, por isso é importante ter consciência de como deve ser usada e em quais contextos e situações. Ao passo que pode ser libertador, também pode trazer um nível de dependência prejudicial. Nesse sentido, gostaria de enfatizar

³ “Personas” termo usado no contexto da psicologia Junguiana e em narrativas se refere a um personagem fictício criado para representar um tipo específico de indivíduo ou personalidade em uma história. Elas não são representações de pessoas reais, mas ferramentas criativas para o desenvolvimento de narrativas.

principalmente seu papel como uma forma de liberdade de expressão e aprofundar nas implicações em outros campos do conhecimento.

A partir da perspectiva de Paul Preciado, podemos considerar que a tecnologia está incorporando uma simbiose mais profunda, integrando-se ao corpo e à identidade do indivíduo, tornando-se parte dele:

Na sociedade farmacopornográfica, as tecnologias formam parte do corpo e nele se diluem - as tecnologias se convertem em corpo, não havendo espaço entre tecnologia e corpo. (PRECIADO, 2018, p. 109)

Atualmente, a maquiagem é frequentemente associada ao consumismo e ao universo feminino, em grande parte por meio de anúncios, propagandas e produtos direcionados para as mulheres.

Uma análise mais profunda dessas conexões pode ser feita com base nos argumentos desenvolvidos por Paul Preciado sobre o conceito de "era farmacopornográfica". Ele argumenta e nos leva a compreender como as transformações ocorridas no mundo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, contribuíram para a consolidação do capitalismo como o conhecemos hoje. Esse desenvolvimento estabeleceu uma lógica de consumismo agressivo e imediatista, com estratégias de publicidade direcionadas a grupos específicos, visando estimular o consumo. Nesse contexto, a maquiagem passou a ser amplamente direcionada ao público feminino.

Com a ascensão do movimento feminista e a crescente independência das mulheres no mercado de trabalho, elas se tornaram consumidoras em potencial. Além disso, houve uma forte ênfase na marcação binária de gênero, na qual

produtos frequentemente eram direcionados com base nos gêneros tradicionais. Por exemplo, na indústria de beleza, produtos de cuidados com a pele e maquiagem são insistentemente associados ao público feminino, uma tendência que persiste até os dias de hoje. No entanto, nem sempre foi assim, pois a maquiagem, em alguns períodos da história da humanidade, como na Grécia Antiga ou no período Edo do Japão, era utilizada exclusivamente pelo gênero masculino em apresentações, inclusive por *crossdressers*⁴, homens que se vestiam como mulheres, e também pelos atores e intérpretes do teatro Kabuki. Nesse período, as mulheres eram impedidas de participar de diversas atividades na sociedade, tanto no âmbito cultural quanto no artístico, sendo frequentemente restritas às responsabilidades domésticas.

O Kabuki, uma das formas de arte mais reverenciadas do Japão, sofreu transformações ao longo dos séculos, mas manteve a essência de usar figurinos, personagens e músicas para contar histórias. No início, os atores vestiam roupas tipicamente masculinas de quimonos simples. Com o tempo, o Kabuki evoluiu para uma forma de arte exclusivamente masculina. Isso facilitou o surgimento do "onnagata", termo usado para descrever atores masculinos interpretando papéis femininos. Esses homens dedicavam-se à representação da feminilidade, dominando movimentos suaves, delicados e maneirismos. Os atores de hoje tendem a ser homens mais velhos, que decoram seus rostos com tinta branca. Eles usam perucas tradicionais de gueixas adornadas com acessórios ornamentados e quimonos longos e esvoaçantes. (HALL, 2020, p. 16).

Na Grécia Antiga, encontramos também exemplos de *crossdressers* nos quais homens desempenhavam papéis femininos. Essas representações teatrais

⁴ "Crossdresser" termo usado para se referir a uma pessoa que ocasionalmente veste roupas e adota aparências associadas ao gênero oposto ao seu, mas isso não necessariamente se relaciona à sua identidade de gênero.

não se limitavam apenas ao desempenho vocal e à atuação, mas também incorporaram a utilização de maquiagem e figurinos completos. No teatro Shakespeariano existem muitas problemáticas em relação ao gênero, isso se dá quando as heroínas, que são interpretadas por homens, muitas vezes se tornam personagens mais centrais quando se travestem com características masculinas, revelando o quão o “travestismo” no palco tem uma história complicada e muitas vezes estava longe de ser progressista. No entanto, pelo menos deu ao mundo alguns exemplos importantes de Drag na prática (HALL, 2020, p. 13).

Na sociedade atual, temos diversos códigos para representar o que é considerado como feminino e masculino. Esses códigos também podem determinar padrões de comportamento na sociedade, desempenhando um papel normativo e operando para sustentar o sistema capitalista, patriarcal e binário.

2.3 Maquiagem e Subculturas

Antes de explorarmos as conexões entre maquiagem e subcultura, é fundamental entender o que uma subcultura representa. Uma subcultura é um grupo menor inserido em uma cultura mais ampla, caracterizado por compartilhar valores, interesses e uma identidade distintiva, frequentemente em contraste com a cultura predominante em que estão inseridas. Podem se manifestar de diversas maneiras, abrangendo moda, música e comportamento, e frequentemente representam formas de resistência e expressão criativa dentro do contexto cultural mais amplo. Elas podem surgir a partir de manifestações artísticas, como na música e na internet, ou se desenvolver em contextos locais, como em bairros ou cenas alternativas em determinadas regiões e épocas. Exemplos de subculturas populares incluem o gótico, emo, hippie, punk, entre outros. No contexto deste texto, serão explorados exemplos de subculturas que se alinham com os interesses e referências pessoais do autor, como o gótico e o emo, bem como as subculturas que emergiram no Japão, em especial, subculturas em que a maquiagem se apresenta como parte da estética visual.

A maquiagem desempenha um papel importante na expressão de diversos grupos, permitindo que seus membros se identifiquem e afirmem sua individualidade. Além disso, ela representa uma poderosa forma de expressão artística e disruptiva. É utilizada em conjunto com outras formas de expressão, para criar visuais próprios e estilos que se inserem nesses grupos. Diferentes subculturas da contemporaneidade apresentam estilos visuais que refletem suas ideologias, valores e identidades. Em alguns casos, a moda, penteados e a maquiagem tem um apelo estético e visual forte para contrapor padrões convencionais.

O estilo gótico, em sua forma mais moderna, teve origem na década de 1970, principalmente no Reino Unido. O movimento gótico surgiu como uma subcultura que abrangia elementos da moda, música, literatura e arte. A maquiagem gótica é caracterizada por tons escuros e pálidos, com destaque nos olhos, lábios e maçãs do rosto. Essa estética sombria e dramática reflete a apreciação pela estética gótica, que incorpora elementos macabros, românticos e sombrios. A maquiagem gótica é uma forma de expressar melancolia, rebeldia e a busca por uma estética única e não convencional.

O estilo gótico se destaca pelo uso de roupas pretas, maquiagem que enfatiza os olhos marcados e penteados elaborados. Geralmente, envolve a aplicação de sombras escuras, delineadores, pele mais pálida do que o comum e o uso de batons escuros, como vermelho escuro, roxo, preto ou marrom escuro.

Figura 5 - Góticos fãs de Blutengel



Fonte: Stéphane Senhor.

No Japão, o Visual Kei é uma subcultura de origem musical alternativa que surgiu nos anos 80, incorporando elementos dos gêneros rock e metal, juntamente com uma forte ênfase na moda, penteados punk, androginia e maquiagem vampírica.

O movimento exerceu uma influência marcante no Japão por décadas como uma resposta ao glam rock e ao punk. Assim como o estilo gótico, o Visual Kei é uma subcultura que abrange não apenas a música, mas também a maquiagem, a moda e os penteados como fortes expressões de sua identidade e estilo.

Alguns estilos de Visual Kei incluem o Nagoya Kei, que se inspira principalmente no rock gótico, death metal e post-punk; Kote Kei, com um estilo mais clássico e old school; Oshare Kei, que adota uma abordagem mais colorida, fofa e próxima ao estilo Kawaii; Angura Kei, que incorpora trajes tradicionais japoneses, como o uso de quimonos, e faz referências ao folclore na composição melódica das músicas; Ero Guro Kei, como uma forma de expressão associada ao erótico ou grotesco; e, por fim, o Soft Kei, um estilo mais leve com o uso de roupas comuns e casuais. Além desses, surgem outros subestilos derivados dessas influências.

É muito comum e natural que esse estilo seja adotado por pessoas de qualquer gênero, inclusive homens, que podem usar maquiagem como parte de sua identidade e visual, sem que isso afete sua masculinidade.

Figura 6 - Banda **Moi dix Mois**.



Fonte: **Taurus-Kun**, 2007.

A subcultura Gyarū, também originária do Japão no início dos anos 90, tem uma abordagem mais vibrante para a maquiagem. As *Gyarus* são conhecidas por adotar um estilo de moda extravagante e ousado, muitas vezes caracterizado por roupas chamativas, maquiagem pesada e cabelos elaborados, além de um estilo de maquiagem muito característico. As *gals Gyarū* utilizam uma maquiagem brilhante e colorida, enfatizando os olhos com cílios postiços delineadores que remetem a de bonecas e em alguns estilos, contorno e iluminação bem marcados.

O movimento Gyarū começa quando estudantes decidem ir contra as normas de beleza estabelecidas no Japão, tais como pele alva, cabelos escuros e submissão, desse modo as Gyarū apresentam um visual que vai totalmente contra esses padrões, utilizando bases mais escuras, cabelos claros, em sua maioria loiros ou coloridos, uma maquiagem marcante e muito característica e criando um estilo *fashionista* único que se sobressai até hoje.

A cultura Gyarū engloba diversos sub estilos, incluindo as Mamba Gyarū, que se destacam por uma maquiagem muito característica, cabelos enormes e contornos

em branco; Onee Gyarū, com uma abordagem mais sóbria e casual; e Hime Gyarū, que incorpora fortes influências do Kawaii e do estilo Lolita, caracterizado por uma estética muito feminina e uma paleta de cores predominantemente rosa. Esses estilos e suas variações foram se desenvolvendo ao longo dos anos, sendo adotados não apenas por estudantes, mas também por pessoas de diversas faixas etárias.

Entre os diversos estilos de maquiagem Gyarū, o Mamba gera polêmicas na internet por ser erroneamente associado ao *Blackface*, um ato racista no qual uma pessoa pinta o rosto com um tom mais escuro na tentativa de "representar" uma pessoa negra. Essa prática é altamente ofensiva e considerada uma forma de apropriação cultural. No contexto Gyarū, é importante destacar que não se trata de *Blackface*, pois as praticantes dessa tendência não têm a intenção deliberada de se assemelhar a pessoas negras. Entretanto, é compreensível que exista controvérsia em torno disso. Apesar de tudo, a maquiagem Gyarū ganhou considerável popularidade na internet, a ponto de criar comunidades de pessoas negras interessadas e alinhadas a essa subcultura. Nesse sentido, é notável que pessoas negras estão adotando o estilo Gyarū em suas maquiagens e estilos de vida.

Figura 7 - Gyarus de Harajuku e Shibuya.



Fonte: Savvy Tokyo, 2017.

Figura 8 - Yume Nijino, Rola Sakuraba, Koharu Nanakura e Ako Saotome usam maquiagem Gyararu.



Fonte: Aikatsu Stars, 2018.

E não podemos deixar de citar a Arte Drag, sendo uma arte visual e performática que envolve tantas outras linguagens e tem a maquiagem como uma das partes mais essenciais da transformação. A maquiagem Drag permite que

artistas explorem a ampla gama de possibilidades de identidade e auto expressão. Com traços fortemente marcados, uso de cores ousadas e técnicas de contorno habilidosas, a maquiagem Drag transcende a ideia convencional de beleza, desafiando normas e preconceitos.

Portanto, para todas essas subculturas, a maquiagem desempenha um papel importante na criação de uma identidade visual única e no estabelecimento de conexões com outros membros da comunidade. Além disso, a maquiagem nas subculturas oferece uma maneira poderosa de desafiar padrões sociais estabelecidos e de celebrar a individualidade e diversidade em todas as suas formas. Ela se torna uma ferramenta de expressão artística e política, permitindo que os membros dessas subculturas encontrem um espaço de pertencimento e afirmação em um mundo muitas vezes dominado por padrões estéticos normativos.

Quando pensamos em estéticas normativas, estamos explorando uma lógica binária e dicotômica de gênero, onde o masculino e o feminino são caracterizados por códigos visuais específicos que buscam identificá-los. No entanto, essa visão restrita não abarca a complexidade da identidade e da expressão humana, que englobam uma vasta gama de possibilidades em um espectro de tons de cinza.

É importante reconhecer que as definições binárias de gênero não representam a totalidade da experiência humana. Para citar um exemplo da diversidade de expressão que se encontra na maquiagem, artistas contemporâneos que desafiam as fronteiras tradicionais da estética de gênero, criando looks que transcendem as expectativas normativas.

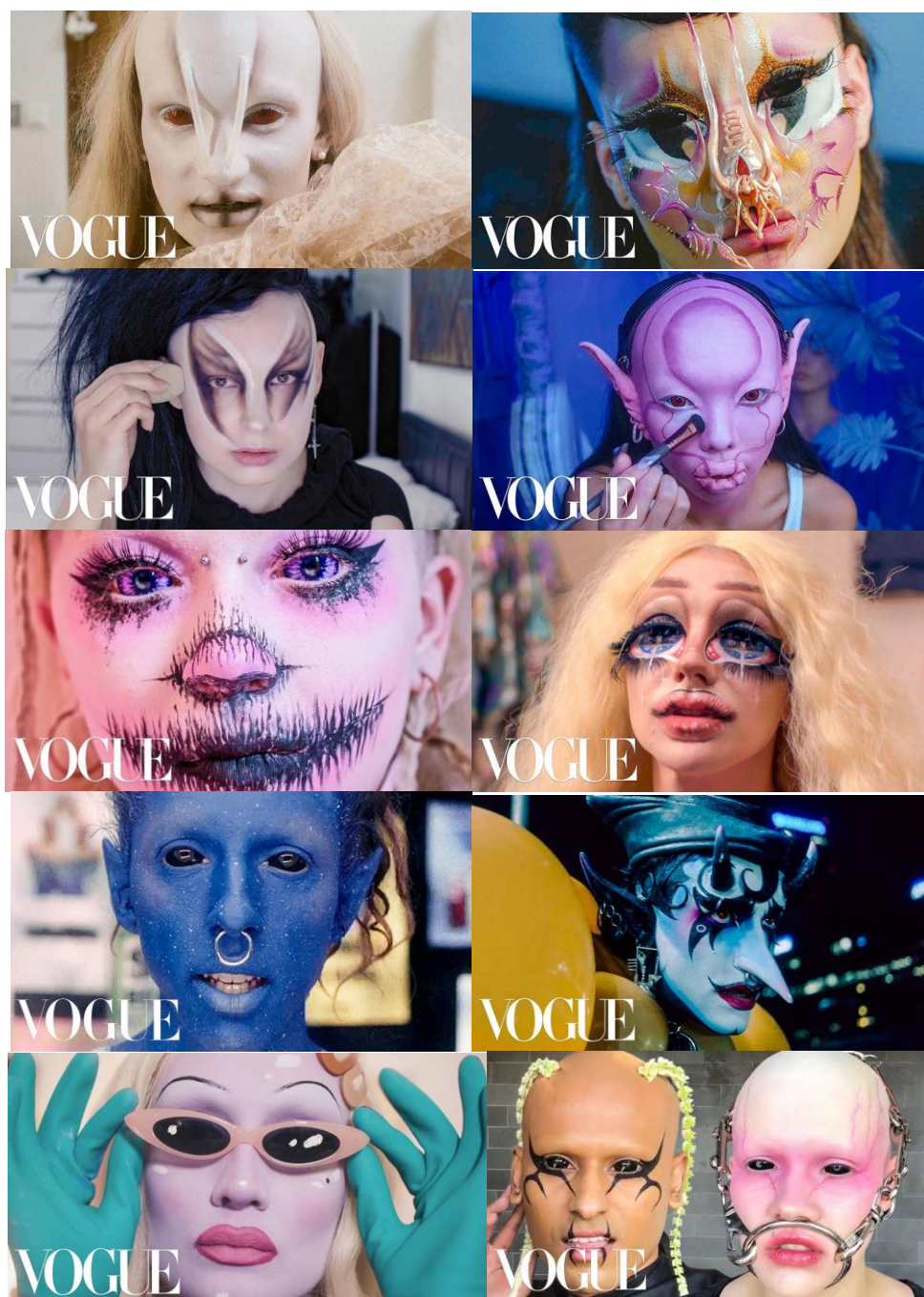
Extreme Beauty, um quadro apresentado no canal Vogue no YouTube, se destaca como um espaço onde a exploração dessa diversidade é celebrada trazendo tendências culturais e de beleza e abraça a oportunidade de ampliar os horizontes da expressão pessoal.

Vogue é a autoridade em notícias de moda desde o final do século XIX, cobrindo tendências culturais e de beleza, vídeos, estilo de vida de celebridades e personalidades icônicas, trazendo atualizações da semana de moda.

No quadro Extreme Beauty no YouTube, são convidados vários artistas para compartilharem seus visuais e modos de vida. Suas criações ousadas tornam-se declarações visuais de autenticidade e identidade, rejeitando as restrições estereotipadas de como a maquiagem deve ser usada.

À medida que suas visões únicas são compartilhadas por meio do canal, expandem o diálogo sobre a liberdade de expressão e a diversidade em uma sociedade cada vez mais consciente da fluidez de identidade e gênero. Dentre os artistas, os que mais chamam minha atenção são Parma, Salvia e Hungry, devido às suas maquiagens únicas e icônicas.

Figura 9 - Salvia, Hungry, Parma, Princess Gollum, Jazmin Bean, Sgàire Wood, Michael Moon, Jenkin van Zyl, Juno Birch e Fecal Matter.



Fonte: Extreme Beauty, Vogue, 2020.

2.4 Expressão de Gênero

É necessário imaginar os ideais biopolíticos da masculinidade e da feminilidade como essências transcendentais das quais pendem, em suspensão, estéticas de gênero, códigos normativos de reconhecimento visual, convicções psicológicas invisíveis que levam o sujeito a se afirmar como masculino ou feminino, como homem ou mulher, como heterossexual ou homossexual, como cis ou trans. (PRECIADO, 2018, p. 112).

A maquiagem desempenha um papel significativo na expressão de gênero, permitindo que as pessoas se expressem de maneira mais livre e autêntica. Embora a maquiagem seja frequentemente associada ao universo feminino, é importante ressaltar que seu uso transcende as noções tradicionais de gênero. Hoje em dia, muitas pessoas, independentemente do gênero com o qual se identificam, utilizam a maquiagem como uma forma de expressar sua identidade e individualidade.

A quebra de estereótipos de gênero tem impulsionado um movimento de liberdade de expressão, e a maquiagem desempenha um papel relevante nessa revolução. Homens, mulheres, pessoas não-binárias e de outras identidades de gênero estão se apropriando da maquiagem para expressar quem são, além de desafiar normas sociais e usar a maquiagem de maneira subversiva. Isso cria uma nova perspectiva sobre a maquiagem, não mais como algo ligado exclusivamente à feminilidade, mas sim como uma forma de arte e expressão pessoal, política e desviante. Para aprofundar um pouco mais sobre como os códigos de gêneros são construídos temos a fala de Preciado que elabora mais sobre a artificialidade e construção dos gêneros e seus respectivos estereótipos:

Pênis e vaginas são biocódigos de regimes de poder e conhecimentos; reguladores ideais, ficções biopolíticas que encontram seu suporte somático na subjetividade individual. O regime sexo-gênero farmacopornográfico é o resultado da aliança inesperada entre metafísica naturalista do século XIX do dimorfismo sexual com foco na reprodução heterossexual, e ascensão da indústria médica e biotécnica hiperconstrutivista, em que os papéis e identidades de gênero podem ser artificialmente concebidos. (PRECIADO, 2018, p. 112)

Na comunidade LGBTQIAP+, a maquiagem tem sido usada como uma ferramenta poderosa para romper com as restrições impostas pelos padrões de gênero. Drag Queens e Drag Kings, por exemplo, usam a maquiagem de maneira exuberante e artística para criar personas que provocam os limites impostos pela sociedade, permitindo-lhes explorar e celebrar sua identidade de gênero de forma criativa e catártica. A maquiagem pode ser uma forma de autoafirmação e empoderamento para pessoas que passam por processos de transição, fornecendo uma ferramenta para expressar sua verdadeira identidade.

O termo “terrorismo de gênero” conforme empregado por Preciado, remete ao gênero como possibilidade de abordagem crítica e teórica às investidas colonialistas de produção de narrativas e violências epistêmicas por meio do biopoder, uma vez que a imposição de como alguém deve se comportar, se vestir apartir da sua genitália, conclui que esse sietema promove um sufocamente violento e sistematico das pessoas não-conformantes, pessoas que podemos

identificar como corpos dissidentes, estes que se enquadram como não-héteros, identidades trans e até mesmo corpos racializados.

Para compreender como esses gêneros são identificados e as estéticas associadas a eles, é instrutivo examinar a perspectiva de Preciado sobre os biocódigos. Essa abordagem considera uma linguagem implícita que dita como cada gênero deve se apresentar, impondo normas e diretrizes estéticas específicas. Aqueles que não se conformam a esses padrões frequentemente enfrentam opressão e podem se tornar alvos de estratégias biopolíticas massacrantes.

A análise dos biocódigos de Preciado revela como as normas de gênero não são meramente construções sociais, mas sistemas complexos de regulação que permeiam a sociedade em níveis profundos. Esses códigos podem incluir expectativas de comportamento, aparência, vestimenta e outros elementos visuais que sinalizam pertencimento a um gênero específico, a noção de planos biopolíticos destaca como a sociedade e as instituições podem exercer controle sobre os corpos e identidades.

[...] Portanto, biocódigos (linguagem, formas de se vestir, hormônios, próteses) que anteriormente pertenciam às categorias feminina, masculina, heterossexual, homossexual, transexual, ou mesmo configurações de gênero *queer*, podem alcançar formas de expressão que são desnaturalizados, excêntricas e livres de uma identidade sexual ou subjetividade biopolítica precisa. (PRECIADO, 2018, p. 134 - 135).

Ao analisar que biocódigos e os planos biopolíticos, podemos compreender a profundidade e a complexidade das normas de gênero e suas ramificações em

termos de opressão e resistência. Essa análise não apenas destaca a importância da desconstrução dessas normas para a promoção da igualdade de gênero, mas também demonstra a necessidade de ampliar nossa compreensão da expressão individual e da liberdade para além dos limites impostos.

A maquiagem na expressão de gênero é uma forma poderosa de romper com normas sociais restritivas e estereótipos de gênero. Ela se tornou uma ferramenta de liberdade, empoderamento e auto expressão para pessoas de todas as identidades de gênero, abrindo espaço para uma nova visão inclusiva e diversa sobre a maquiagem como uma forma de arte e comunicação pessoal. Agora vejamos o que Pedro Paulo diz sobre Preciado e o conceito de performance de gênero que Judith Butler desenvolve:

O conceito de performance de gênero não consideraria os processos biotecnológicos que levam determinadas performances a serem consideradas naturais em detrimento de outras, consideradas não naturais. Daí a afirmação segundo a qual gênero não é apenas um efeito performativo, mas, acima de tudo, um processo de incorporação protético. [...] Para ele (Paul Preciado), os sujeitos atuam por meio de próteses cibernéticas e substâncias químicas. Isso significa que as próteses e os químicos possibilitam a ação dos agentes e os constituem por meio de ações mediadas. Se, para Butler, os agentes contemporâneos se definiriam por atos, gestos corporais e discursos, para Preciado, o que os caracterizaria seria a mediação entre corpo e biotecnologias. (PEREIRA, 2020, p. 92)

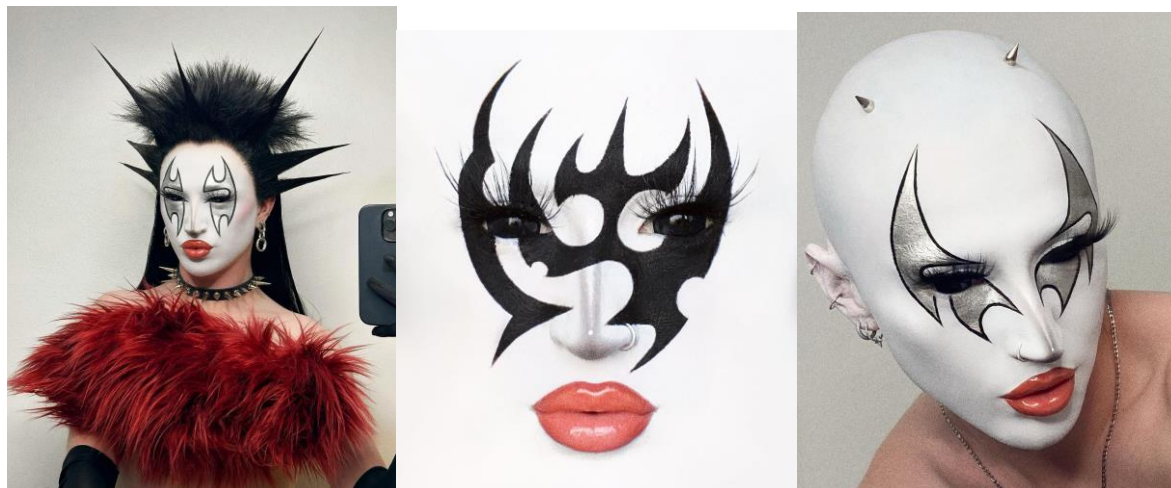
Com base na perspectiva de Preciado, o gênero transcende a mera performance e se entrelaça com a tecnologia do corpo, sendo assim o gênero que também compõe como tecnologia do corpo. Nessa visão, a expressão de gênero não se limita apenas ao que é visível exteriormente, mas está incorporada à própria essência do corpo. Nesse contexto, a maquiagem não é apenas uma forma de embelezamento superficial, mas um elemento intrínseco à manifestação da identidade de gênero, e claro, como uma ferramenta política. Nessa linha de raciocínio, a maquiagem se integra a um conjunto de outros elementos, como roupas e performances, que atuam como formas de resistência política, especialmente dentro da comunidade LGBTQIAP+. Embora nem todas as pessoas que pertencem a essa comunidade utilizem maquiagem e nem todas as pessoas que usam maquiagem se identifiquem como LGBTQIAP+, é inegável que a maquiagem possui potencial para ser um meio de expressão e enfrentamento das normas estabelecidas. A maquiagem, quando usada como ferramenta de expressão de gênero, desafia as definições convencionais e amplia a compreensão da identidade.

Ela possibilita a criação de visuais que não se conformam às expectativas normativas, permitindo que as pessoas se afastem das construções binárias de gênero e abracem uma abordagem mais fluida e autêntica. Esse ato de desafiar as normas sociais é em si uma forma de resistência, contribuindo para a desconstrução das estruturas que marginalizam e oprimem.

No contexto da comunidade LGBTQIAP+, a maquiagem também pode ser um símbolo de pertencimento e solidariedade. Ela representa uma maneira de se destacar, celebrar a diversidade e compartilhar a luta contra a opressão. Ao criar

visuais ousados e únicos, as pessoas podem comunicar visualmente sua identidade, apoiar causas e empoderar-se.

Figura 10 - Bo Quinn.



Fonte: Perfil de Instagram de Bo Quinn.

2.5 Arte Drag: Queens, Queer e Kings

A Arte Drag é uma forma de expressão artística provocativa que envolve a transformação e a representação exagerada de gênero por meio de performances teatrais, visuais e performáticas. Drag Queens e Drag Kings são os principais artistas dessa forma de arte. Além de uma transformação física, a Arte Drag é uma expressão de autoempoderamento e protesto. Através das performances, os artistas exploram diversos aspectos de suas identidades, criando personagens ou personas únicos e impactantes. Essa forma de arte desempenha um papel significativo na comunidade LGBTQIAP+ ao oferecer um espaço de aceitação, celebração e representação, já que sua origem está intimamente ligada a essa comunidade.

Embora sua popularidade seja notável nos Estados Unidos, a Arte Drag é difundida em diversos países ao redor do mundo, inclusive encontrando cenas consolidadas no Brasil.

A estreia do programa RuPaul's Drag Race⁵ no Brasil, com um elenco composto inteiramente por brasileiros, é um marco importante que pode contribuir significativamente para o fortalecimento e a consolidação da cultura e da Arte Drag no país.

Figura 11 - Gottmik em Rupaul 's Drag Race, 2018.



Fonte: Paramount Plus, 2018.

A maquiagem na Arte Drag é uma das formas mais poderosas e criativas de subverter os padrões e desafiar as normas sociais impostas pela binaridade de gênero. Drag Queens e Drag Kings usam a maquiagem como uma ferramenta artística provocativa para criar personagens únicos e extravagantes, permitindo-lhes explorar e celebrar a fluidez e diversidade de identidades de gênero.

⁵ "RuPaul's Drag Race" é um reality show de competição de DragS criado por RuPaul. Drag Queens competem em desafios de moda, maquiagem, atuação e mais, com o objetivo de ser coroada como a "America's Next Drag Superstar." O programa promove a aceitação da diversidade de gênero e da comunidade LGBTQIAP+. Também inspirou edições internacionais, incluindo o "RuPaul's Drag Race Brasil."

As Drag Queens são artistas que se caracterizam por uma maquiagem com traços fortemente marcados como estereótipos do feminino, contornos dramáticos, cílios postiços exuberantes e lábios avantajados. Essas técnicas visuais não apenas exaltam a beleza e a expressividade artística, mas também provocam estereótipos de feminilidade. As Drag Queens frequentemente exageram características femininas, subvertendo-as e transformando-as em uma forma de arte.

Já Drag Kings, por sua vez, se apropriam da maquiagem para desafiar estereótipos de masculinidade, criando visuais que exploram uma gama diversificada de identidades de gênero masculino. A maquiagem pode ser utilizada para destacar traços faciais masculinos, como contornos mais definidos, barbas falsas e penteados andrógenos. Essa representação artística amplia as noções tradicionais de masculinidade e demonstra como a maquiagem pode ser uma ferramenta de expressão e subversão.

Outras vertentes da Arte Drag, como as Drag Queens, exploram formas ainda mais excêntricas de maquiagem, criando visuais provocativos, coloridos e fora do comum. Sua proposta visual não se limita à expressões dentro da dicotomia de gênero feminino ou masculino, mas sim como criaturas sobre humanas, sobrenaturais. Dentre essas formas de expressão Queens, vamos falar sobre o Club Kid, como o nome sugere, é uma expressão radical, pois rompe completamente com as normas de gênero ao adotar intencionalmente visuais que misturam elementos masculinos e femininos, frequentemente complementados por toques monstruosos ou sobrenaturais trazendo uma estranheza para seu visual.

Sua popularidade foi impulsionada em Nova York, nos Estados Unidos, local onde esse estilo ganhou espaço e visibilidade para crescer. Esses jovens artistas experientes em moda usaram trajes extremos, pinturas faciais estranhas e próteses para criar looks que mal eram humanos.

Figura 12 - Walt Cassidy.



Fonte: Michael Fazakerley, 1991.

Para citar outros exemplos de Arte Drag, temos o programa estadunidense The Boulet Brothers' Dragula que tem uma proposta diferente de Drag Race. O programa se trata de um reality show de competição de Drags com ênfase no horror, na estética underground e monstruosidade, criado e apresentado pelos irmãos Boulet.

As competidoras encaram desafios de maquiagem, moda e performance, com destaque para visuais chocantes e com provas radicais. A cada episódio, um vencedor é escolhido, e os competidores que ficam em último lugar devem enfrentar "desafios de extermínio" extremos que os testam física e

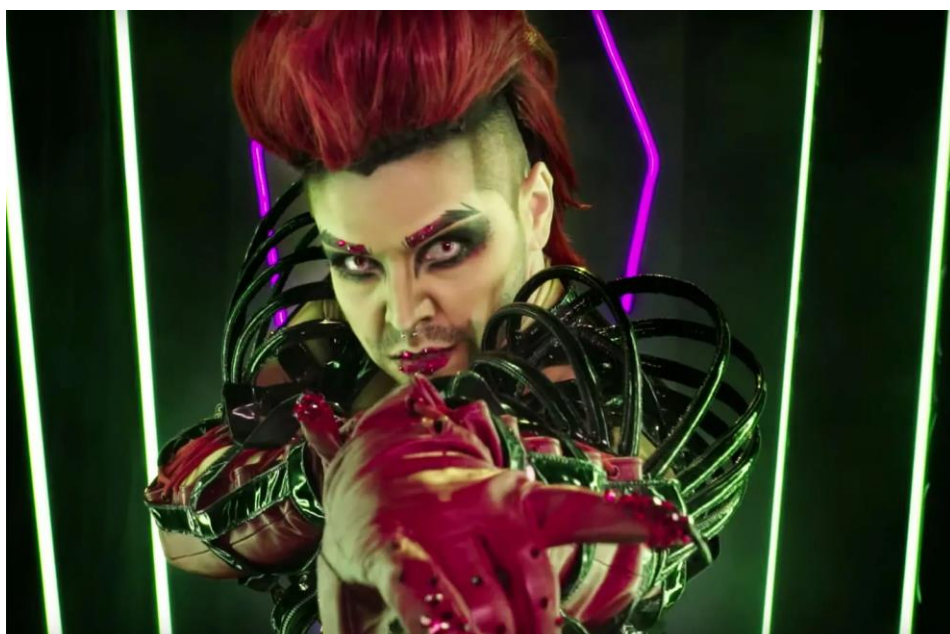
psicologicamente para provar que possuem o espírito punk exigido pelos jurados para permanecer na competição.

Figura 13 - Irmãos Boulet.



Fonte: The Boulet Brothers' Dragula, 2021.

Figura 14 - Landon Cider.



Fonte: The Boulet Brothers' Dragula, 2019.

Para se debruçar ainda mais na Arte Drag e em seus processos, vamos analisar os elementos que fazem parte dela. A Arte Drag é um conjunto de linguagens: performance, figurino, comédia, dança, atuação, dublagem, e claro, não pode faltar a maquiagem. Claramente, nem todas as Drags exercem todas essas formas de arte ao mesmo tempo, inclusive, existem Drags que se enquadram em certas categorias, como podemos perceber nos Ballrooms, que são eventos de entretenimento, como bailes e competições onde grupos minoritários se reuniam para performar e se expressar, dentre essas pessoas são LGBTQIA+, negros e latinos. Contudo, dentre tantas possibilidades, podemos considerar as essências: maquiagem e figurino. Estes itens são requisitos para qualquer pessoa que decida explorar a Arte Drag, lembrando que não existem regras sobre quem pode fazer Drag, não importando o gênero ou sexo, qualquer pessoa pode fazer Drag.

A montagem e transformação requer uma série de itens que ajudam nesse processo transformador, para citar exemplos além da maquiagem, que é um elemento essencial para a Arte Drag, temos a presença de figurinos extravagantes, o uso de perucas, laces, capacetes, adereços na cabeça.

Todos esses elementos que compõem a montagem são de grande importância e acrescentam dimensões aos visuais e performances. No próximo capítulo, aprofundaremos esses componentes, explorando novas camadas da maquiagem e os elementos que constituem a Arte Drag. Entenderemos esses elementos como modificadores corporais, moldando o corpo, criando ilusões e dimensões adicionais.

3 Modificadores Corporais

Os modificadores corporais são elementos que envolvem alterações intencionais no corpo, com o objetivo de modificar sua aparência, expressar identidade ou pertencimento a determinado grupo. Para criar a montagem, além da maquiagem como elemento essencial temos o uso de perucas e cabelos, figurinos extravagantes, acessórios, atitude confiante e personalidade Drag.

Todos esses elementos utilizados tem a intenção de transformar o corpo, atuando como modificadores corporais. Existem diversos tipos de modificadores corporais que podem ser considerados como permanentes, como tatuagens, piercings, escarificações, implantes subcutâneos, cirurgias plásticas, alargadores de orelha, suspensão corporal, entre outros. Cada um desses procedimentos representa uma forma de expressão pessoal e pode estar associado a diferentes significados culturais, religiosos, estéticos ou políticos.

Quando consideramos o conceito de permanência em relação a esses modificadores, percebemos que nosso corpo é finito e que essas alterações desaparecem com ele após a morte. No entanto, essas modificações permanecem ao longo de toda a vida. Apesar de existirem procedimentos que podem reverter alguns desses processos, como a remoção a laser de tatuagens, podemos atribuir a qualidade de permanência a essas modificações corporais, em contraste com a maquiagem, que consideramos uma modificação corporal impermanente e efêmera, pois pode ser removida.

Mesmo que alguém deseje que algum traço de maquiagem se torne permanente, como no caso do design de sobrancelhas, é importante ressaltar que esse procedimento se enquadraria como permanente, uma vez que a micropigmentação pode durar de médio a longo prazo no corpo.

A maquiagem, por outro lado, é caracterizada pela efemeridade, o que oferece possibilidades mais amplas para a exploração. Cada aplicação de maquiagem é única, mesmo que alguém tente reproduzi-la várias vezes. Devido ao fato de a maquiagem ser aplicada manualmente e ter suas próprias nuances, é impossível reproduzi-la com perfeição em todas as tentativas, pequenas variações podem ocorrer mesmo que imperceptíveis. Podemos, assim, encarar de forma metafórica e poética a natureza efêmera da maquiagem.

Embora possa parecer uma desvantagem, na realidade, isso revela possibilidades infinitas a serem exploradas. Nesse sentido, a maquiagem possui uma potência intrínseca de transformação e mutação. A cada aplicação de maquiagem, é possível experimentar algo diferente.

Também é importante considerar os modificadores como elementos protéticos, que são acoplados ao corpo para realizar essas modificações. A maquiagem, embora composta por pigmentos e aparentando ter uma materialidade "sem volume," pode ser compreendida como uma substância capaz de criar diversas formas na pele por meio da pintura, iludindo proporções corporais distintas e atuando como um modificador.

A maquiagem desempenha seu papel nesse contexto, especialmente como uma forma temporária e versátil de modificação corporal. Em contraste com práticas permanentes ou invasivas, a maquiagem oferece às pessoas a oportunidade de experimentar e expressar diferentes identidades, emoções e estilos de maneira transitória e efêmera. Mesmo que seja temporária, a maquiagem tem um impacto significativo na percepção e leitura social que recebe. É surpreendente deparar-se com um corpo completamente transformado, modificado, quase sobre-humano. A Arte Drag, por exemplo, gera exatamente esse efeito de impacto, pois a maquiagem

e outros elementos são adicionados ao corpo para conferir uma imponência marcante.

A maquiagem também pode ter um impacto significativo na autoestima e na confiança das pessoas. Ao modificar temporariamente a aparência física, a maquiagem pode ajudar a destacar características que os indivíduos desejam realçar ou disfarçar aquelas que preferem minimizar ou maximizar, além de potencializar a expressão de quem somos. Isso pode gerar uma sensação de auto aceitação e conforto com o próprio corpo, mesmo que momentaneamente.

3.1 Dispositivos Protéticos

Figura 15 - Maquiagem por **Valentina Li**.



Fonte: Perfil de Instagram de **Valentina Li**.

Podemos considerar uma prótese como um dispositivo que amplia ou melhora capacidades que anteriormente eram impossíveis ou limitadas devido a deficiências ou limitações. Próteses são frequentemente associadas a substituições para partes do corpo que foram perdidas devido a lesões, amputações ou condições médicas. Elas podem ser feitas de materiais diversos, como plástico, metal e até

mesmo componentes eletrônicos, e são projetadas para melhorar a qualidade de vida das pessoas que as utilizam, restaurando funções perdidas ou melhorando a funcionalidade.

Portanto, em certo sentido, a maquiagem também pode ser considerada um dispositivo protético, já que amplia a capacidade de alterar a aparência física e expressar identidade de maneiras que seriam limitadas sem ela, atribuindo novas funções a esse corpo que recebe tal prótese.

Quando aplicamos esse conceito à maquiagem, podemos compreender a presença de elementos modificadores como dispositivos protéticos. A maneira como o corpo se apresenta ao mundo, ao ser reconhecido e percebido, envolve uma variedade de técnicas e tecnologias que funcionam como próteses para a identidade.

Dentre os elementos protéticos frequentemente empregados nas diversas formas de arte que envolvem o corpo, como performance, figurino e montagem, podemos destacar: Unhas postiças, lentes coloridas para os olhos, cabelo, peruca, lace, figurino, acessórios e adereços, strass, próteses de silicone, objetos colantes, cílios postiços, hormônios, maquiagem, enchimentos para seios e glúteos.

Esses elementos protéticos contribuem para a construção de uma identidade visual única e para a transformação do corpo e expressão artística, o corpo, contudo, já é habitado por sua própria configuração, assim, a prótese chega para alterar essas configurações e agregar novas dimensões. Eles ampliam a capacidade do indivíduo de transmitir mensagens, explorar diferentes personas e desafiar as normas convencionais de aparência.

Os dispositivos protéticos, assim como na área da saúde, também desempenham um papel significativo na arte e na manifestação da identidade pessoal.

Na Arte Drag, podemos observar o constante uso desses dispositivos protéticos para compor a montagem. Desse modo, a função dessas próteses não se restringe a uma função médica, mas sim uma função política, causando impacto e trazendo imponência nesse visual transformado.

Paul Preciado considera os elementos mencionados anteriormente, bem como outros elementos em nível molecular, como o caso dos hormônios utilizados por pessoas trans em terapia hormonal, como próteses e elementos tecnológicos do corpo político:

A certeza de ser homem ou mulher é uma bioficção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação. Somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk. Essas transformações recentes impõem um conjunto de dispositivos microprotéticos de controle de subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. (PRECIADO, 2018, p. 127).

Vamos descrever com mais detalhes as características e usos dos seguintes dispositivos protéticos disponíveis no mercado, atendendo a diversas necessidades e propósitos. Alguns exemplos incluem:

Próteses de silicone, que são moldes de silicone utilizados para aprimorar o tamanho ou formato de partes do corpo, como sutiãs com enchimento, protetores

para joelhos e cotovelos, entre outros. Unhas postiças, que podem ser coladas temporariamente sobre as unhas naturais, proporcionando diferentes estilos, cores e comprimentos, incluindo as populares unhas de acrílico.

Lentes de contato são dispositivos ópticos usados para correção da visão ou como acessórios estéticos para alterar a cor dos olhos. Adereços e strass são acessórios decorativos temporariamente aplicados na pele, cabelos ou roupas para adicionar brilho e volume.

Orelhas postiças podem ser usadas para fins estéticos, como parte de fantasias ou disfarces, ou como próteses. Perucas e lace, compostas por cabelos artificiais ou humanos, oferecem uma transformação temporária no penteado ou na cor dos cabelos, proporcionando uma aparência diferente.

Cílios postiços, sejam artificiais ou humanos, são fios que podem ser colados nas pálpebras para dar volume e comprimento aos cílios naturais. Objetos colantes abrangem diferentes adesivos decorativos ou funcionais, como adesivos para a pele com formatos variados e fitas adesivas para fixar roupas ou acessórios.

Figura 16 - Maquiagem por **Valentina Li**.



Fonte: Perfil de Instagram de **Valentina Li**.

3.2 Maquiagem como Prótese

Como discutimos anteriormente, existe uma ampla variedade de dispositivos que podem ser empregados no contexto da maquiagem para promover modificações, além da própria maquiagem, que utiliza técnicas de pintura e ilusão para acentuar esse efeito.

Todos esses elementos, quando utilizados no contexto artístico, como na Arte Drag, ou em outras customizações, como o cosplay⁶, têm o potencial de acrescentar valores e interpretações diversas a esse corpo. Mesmo que esteja inserido num contexto performático, eles também podem ser aplicados em situações cotidianas ou com propósitos artísticos. Apesar de parecerem distantes e artificiais em relação à natureza do corpo, quando consideramos todos esses elementos como integrantes das tecnologias corporais, em uma relação simbiótica, percebemos que fazem parte da subjetividade do sujeito.

Esses elementos contribuem para expressões pessoais, identidade e, até mesmo, questões de gênero. Portanto, embora possam parecer artificiais, podem ser tão artificiais quanto o próprio conceito de gênero, que é resultado de uma construção social e cultural. A seguir, Preciado discute o papel do gênero na construção da subjetividade:

Às rígidas classificações sexuais no século XIX, John Money opôs a maleabilidade do *gênero*, utilizando técnicas

⁶ “Cosplay” é uma atividade artística e performática em que os participantes, chamados cosplayers, usam fantasias e acessórios para representar personagens específicos de animes, filmes, séries, quadrinhos e outras mídias. É uma combinação de “fantasia” e “dramatização” em que é recriado trajes e personalidades com detalhes, frequentemente exibidos em eventos e convenções.

bioquímicas e sociais. Quando usou a palavra *gênero* para definir um “papel social” ou “identidade psicológica”, pensava essencialmente na possibilidade da utilização de tecnologias (de hormônios e técnicas, como aquelas empregadas em instituições administrativas e pedagógicas) para modificar o corpo ou produzir intencionalmente subjetividade a fim de conformá-lo a uma ordem visual e biopolítica preexistente, que foi prescritiva para o que se supunha ser um corpo humano feminino ou masculino. (PRECIADO, 2018, p. 110).

Em resumo, considerando todos os conceitos trabalhados anteriormente, podemos encarar o gênero como uma tecnologia do corpo, assim como os demais elementos e dispositivos protéticos, que atuam como extensores do corpo com o propósito de expressar algo. No campo das artes, em especial as artes visuais, esses elementos protéticos desempenham um papel muito mais complexo e relevante no uso da maquiagem para expressão, performance e nas manifestações artísticas, como a Arte Drag, o cosplay e a individualidade. As próteses modificam o corpo e a maquiagem pode ser vista como um dispositivo protético que potencializa essas expressões, sendo assim a maquiagem protética atuando nesse corpo.

Dessa forma, encerramos a primeira parte deste texto, apresentando teorias e exemplos de diferentes usos da maquiagem no campo das artes visuais e ressaltando as múltiplas camadas envolvidas nesse processo. Na segunda parte deste trabalho, explorarei meu próprio processo pessoal com a maquiagem, bem como outras linguagens artísticas que o autor apresenta em sua trajetória pessoal e artística ao longo do período de 2020 a 2023, momento atual da elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Figura 17 - Hungry, Johannes J. Jaruraak.



Fonte: Perfil de Instagram de Hungry, 2022.

4 Processos com Maquiagem

Neste capítulo, dedicarei espaço para abordar meu percurso com a maquiagem e suas interconexões com outras criações artísticas, tanto em projetos relacionados ao Instituto de Artes, quanto durante o período de pandemia até o presente momento, em 2023.

É importante situar inicialmente a definição do meu primeiro contato com a maquiagem, que partiu de uma perspectiva que via nela uma possibilidade artística. Até então, meu uso de maquiagem se limitava ao cotidiano, seguindo tendências e influências estéticas de diversas subculturas. Entretanto, foi em 2020, durante o período de isolamento social, que comecei a explorar a maquiagem como uma forma de expressão artística. Durante esse período, comecei a experimentar e testar técnicas que se afastaram da minha zona de conforto.

Além da maquiagem, já realizava trabalhos transdisciplinares, mesclando diversas mídias como fotografia, quadrinhos, desenho, ilustração e audiovisual, entre outras. Conforme o tempo passou, o meu envolvimento com a maquiagem se intensificou e se aprofundou, tornando-se uma possibilidade fonte de renda à medida que comecei a realizar atendimentos profissionais. Essa perspectiva profissional renovou minha visão em relação à maquiagem. Consequentemente, decidi direcionar meus esforços na construção de um portfólio focado nessa área. Dentro desse escopo, busquei explorar a versatilidade da maquiagem, criando looks que atendessem a diferentes necessidades. Desde maquiagem de beleza para uso social até maquiagem editorial e fashionista, permitindo-me experimentar com formas e cores, e até mesmo incorporar elementos da Arte Drag.

4.1 Contato Inicial e Automaquiagem

Após elaborar pensamentos que conectam a maquiagem com a arte visual, seu uso como forma de expressão em subculturas e como ferramenta de subversão ao sistema, irei fazer a análise de meu processo pessoal e artístico tendo em perspectiva os assuntos tratados anteriormente. Este trabalho tem como objetivo analisar o período de 2020 a 2023, considerando meus primeiros processos com a maquiagem, em especial a automaquiagem, outras linguagens como o desenho, croqui, história em quadrinhos e a influência da internet em minhas criações. Importante ressaltar que meu processo com a maquiagem ainda está em amadurecimento e descoberta, existe muito ainda a ser explorado pois se trata de uma forma de arte muito nova em minha vida e que tenho muito a aprender da técnica de maquiagem.

A maquiagem foi presente em minha vida, desde a infância, adolescente até a juventude, usava a maquiagem com a finalidade de embelezamento, porém foi somente a partir de 2020 que vi a possibilidade de encarar a maquiagem como um processo artístico e foi muito importante para meu processo pessoal e de expressão de gênero.

Em 2020 a sociedade passa a vivenciar um momento histórico para a humanidade, a pandemia de covid e subitamente o isolamento social se tornou uma realidade que viria a se estender por dois anos no Brasil. Neste período de isolamento foi que eu passei a maratona diversas séries para passar o tempo e encarar o isolamento. Uma das séries que me conquistou foi RuPaul Drag Race, um reality show em que Drag Queens competem para ganhar o prêmio de Drag Queen SuperStar. O programa é o mais famoso mundialmente de Drag Queens. Foi a partir de Drag Race que a cultura e Arte Drag foi difundida para o mundo. A Arte Drag já

existia nos trópicos e em diversos países, mas foi a popularidade do programa que a Arte Drag ganhou tremendo espaço na cultura *mainstream* e hoje é muito importante para a visibilidade da comunidade LGBTQIAP+.

Comecei a assistindo desde e a primeira temporada e fiquei rapidamente obcecado, assistindo as outras 12 temporadas a seguir, dentre tantas Drags incríveis, as que eu mais me identifiquei foram com as mais fora dos padrões estereotipados, sendo elas as *Queers* ou que não se continham nas dicotomia de gênero, como as mais femininas. As Drags que mais aprecio e me chamou atenção foram as Drags consideradas esquisitas, diferentes e excêntricas, dentre elas está a Crystal Methyd e Gottimik. Inicialmente não conseguia compreender minha preferência por essas Drags em específico, com o tempo e com estudo fui refletindo sobre os códigos estéticos dessas Drags e aos poucos fui me identificando cada vez mais. A Arte Drag foi me encantando e despertando uma vontade de me montar como elas, então comecei com aquilo que estava ao meu alcance: com a maquiagem.

Figura 18 - Crystal Methyd, em 2020 e Gottmik em 2023.



Fonte: Paramount Plus, RuPaul's Drag Race.

A Arte Drag é uma junção de diversas coisas: figurino, maquiagem, cabelo, performance, dança, dublagem, atuação entre muitas outras linguagens que permeiam a Arte Drag. Dentre tantos elementos que compõem essa arte, a maquiagem foi a primeira coisa que decidi experimentar. Assim, comecei a reproduzir em mim as maquiagens das Drags que eu admirava, tentando imitar seu estilo em mim mesmo e foi assim que o meu processo com automaquiagem artística começou. Passava horas assistindo tutoriais, entrevistas e resenhas de maquiagens Drag, para depois arriscar fazer em mim. Esse processo me ajudou muito e me encorajou a experimentar as possibilidades de expressão.

A maquiagem Drag me trouxe empoderamento e confiança e me sentia muito bem quando estava maquiado e tirava fotos para registrar as maquiagens que fazia, tudo muito improvisado e com pouco recurso, mas para mim o importante era experimentar e confiar no processo. Até então nunca tinha considerado a

maquiagem como arte e fui me envolvendo cada vez mais, tinha dias que fazia até duas ou três maquiagens, nem sempre consegui registrar todas mas com o tempo passei a registrar o máximo possível que consegui, mas sempre com fotos de selfies e de forma amadora.

A Arte Drag entrou na minha vida como uma descoberta e me surpreendeu pois me sentia muito bem me auto maquiando e logo foram surgindo alguns questionamentos, como me indagar se maquiagem era realmente "coisa de mulher" e me deixou curioso para entender em que momento a maquiagem começou a ser associada ao universo feminino. Essas indagações surgiram pois estava em processo de transição de gênero, iniciado em 2019 então todas essas questões de gênero estavam na minha mente e ainda com muitas dúvidas e incertezas. Sentia muito medo de não ser aceito pela família, amigos e de não ser compreendido e respeitado. Estava me identificando como uma pessoa trans não binária e sentia que gostar e fazer maquiagem poderia ser de alguma forma uma contradição, afinal nesse período acreditava que maquiagem era usado apenas por mulheres, então assistir no programa homens e pessoas trans, como Gottmik fazerem Drag me trouxe muito conforto e alívio, assim entendi que a maquiagem pode ser usada por qualquer pessoa independente do gênero. Infelizmente ainda existe muito tabu sobre seu uso por outros gêneros além do feminino, mas passei a enxergar a maquiagem como uma ferramenta muito poderosa de afirmação e resistência, ela me trouxe autoconfiança e me fez refletir sobre a minha própria expressão.

Entendi que embora eu seja uma pessoa trans, poderia usar maquiagem a vontade e que isso não iria me definir como mulher, assim como nem a maquiagem, nem vestimenta, nem qualquer coisa tem poder para definir meu gênero, e sim somente eu mesmo. Assim, a maquiagem Drag me trouxe diversas reflexões sobre gênero e expressão, o que me levou a me interessar sobre Teoria Queer, gênero e

sexualidade e através de amigos que conheci o trabalho do Paul Preciado. Aos poucos fui avançando nas leituras e trazendo questionamentos, encabeçando processos e me politizando para entender melhor sobre os conceitos de gênero e sexualidade.

Os livros *Manifesto Contrassexual* e *o Teste Junkie* foram livros divisores de águas para meu conhecimento sobre gênero e sexualidade. Ao longo desses estudos e autodescobertas, consegui compreender diversos processos e conceitos relacionados a isso e que me trouxe a necessidade de me afirmar politicamente como uma pessoa trans e não binária de forma mais incisiva.

Assim, durante todo esse período de 2020 a 2023, fiz leituras e estudos sobre temas citados ao mesmo tempo que desenvolvia muito interesse por maquiagem.

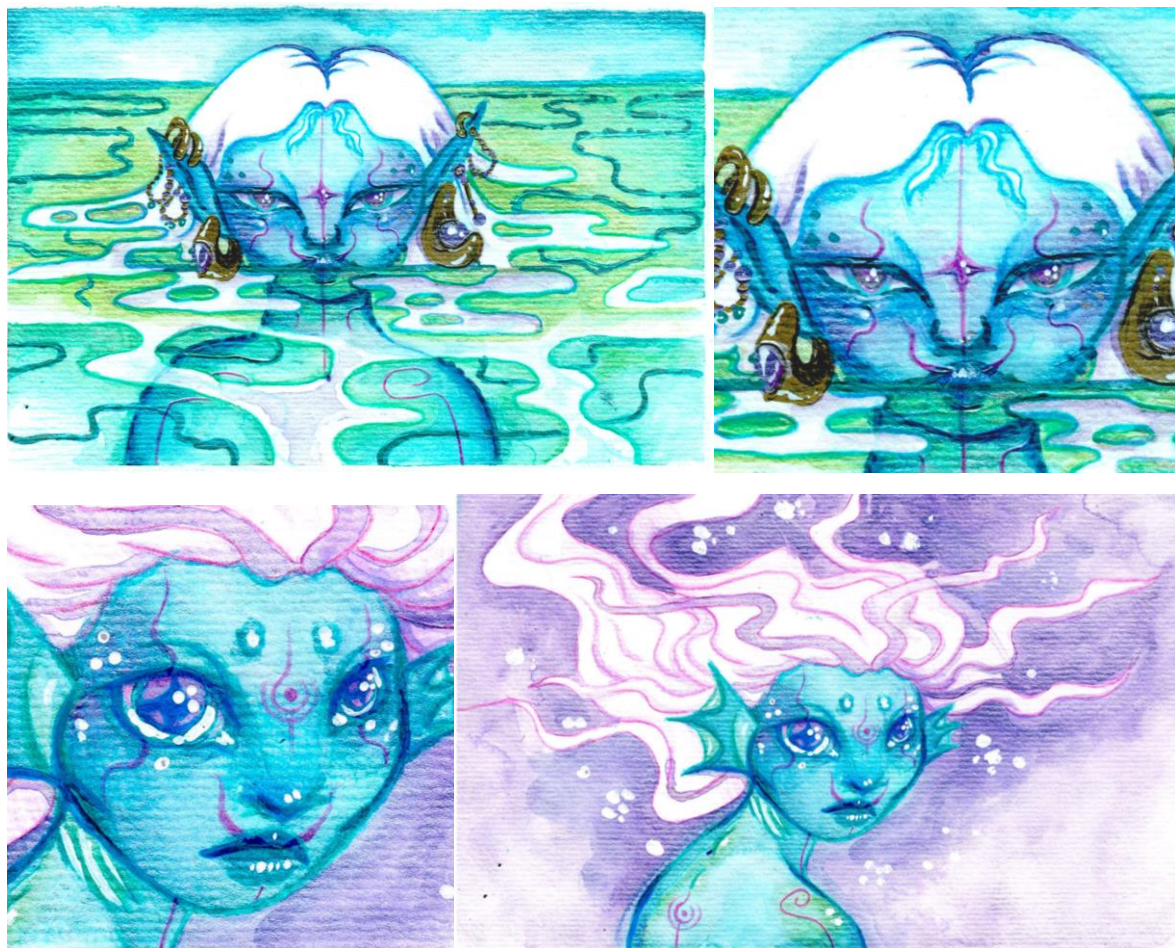
4.2 Desenhos & Croquis: Formas de Criação

O desenho e a maquiagem andam juntos no meu processo. É natural desenhar a maquiagem antes de executá-la, e novas ideias surgirem após sua execução, tornando o processo uma co-criação espontânea. Aprecio muito o design em todas as suas formas, incluindo o design gráfico, de produtos, tipográfico, entre outros. Pensar no design das maquiagens e combiná-las com os desenhos, e vice-versa, torna-se uma prática orgânica e natural no meu processo.

Com as primeiras experiências com automaquiagem, naturalmente trouxe a influência das maquiagens nos meus desenhos e personagens. Em 2020, durante o isolamento social, comecei com a prática de desenhar diariamente, tornando um hábito de escapismo. Desenhar se tornou uma forma terapêutica e de conexão comigo mesmo e pude trabalhar minha paciência com o uso da aquarela.

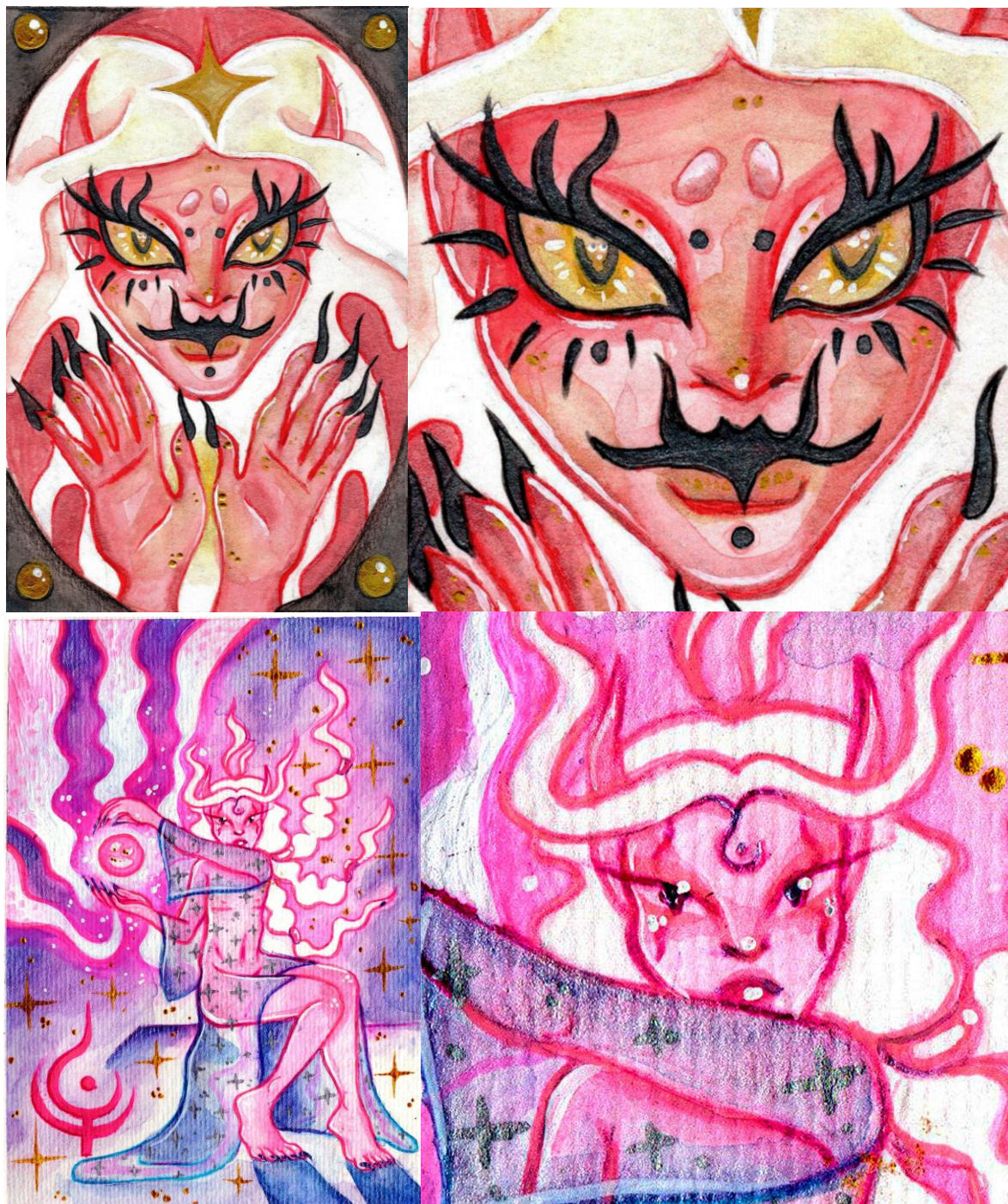
A aquarela é uma técnica que exige tempo, calma e espera, e claro é uma técnica que tem vida própria, é quase impossível controlar seus movimentos então aprendi muito sobre confiar no processo e deixar fluir deixando que o processo se desdobre naturalmente, dando mais abertura para a intuição. Decidi então fazer uma série em aquarela de criaturas elementais: salamandras do fogo, ninfas e nereidas da água, silfos do ar e gnomos da terra. Em alguns desses desenhos a maquiagem surge dando personalidade e identidade aos personagens. Foi uma das minhas primeiras iniciativas conscientes de incluir maquiagem em meus desenhos, que inicialmente surge de forma mais contida e aos poucos ficando mais à vontade para explorar.

Figura 19 - Elemental da água.



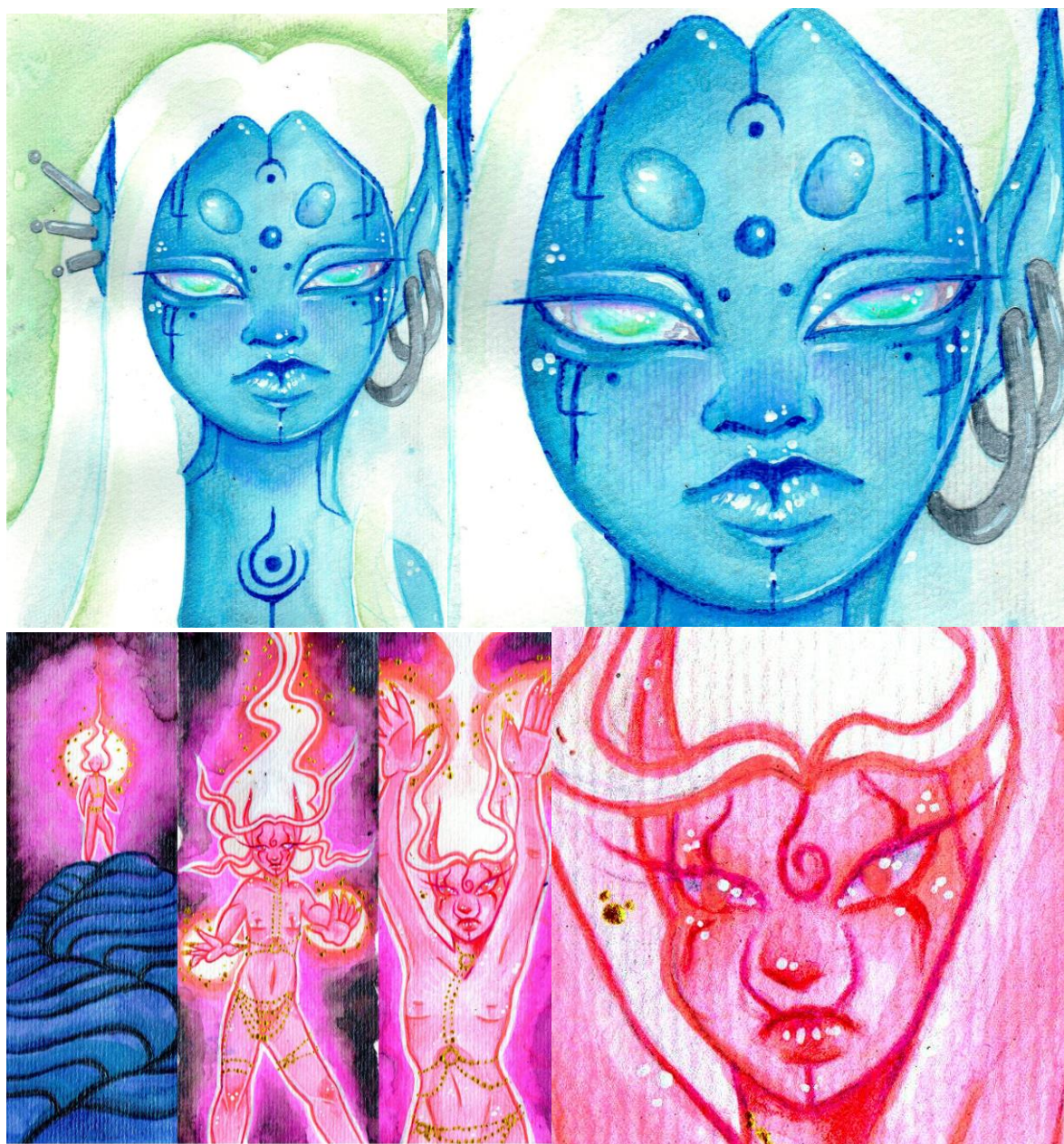
Fonte: Ea Damaia, 2020.

Figura 20 - Elemental do fogo,



Fonte: Ea Damaia, 2020.

Figura 21 - Elementais da água e fogo.



Fonte: Ea Damaia, 2020.

Após a série de desenhos em aquarela, migrei para o desenho digital para elaborar meus primeiros croquis de maquiagem. Agora a intenção é voltada em criar desenhos que eu possa reproduzir em maquiagem. Assim nasce a primeira série de

croquis que intitulei de "Be Drag" que em tradução livre seria algo como "Tornar-se Drag". Nesta série utilizei o recurso de espelhamento do Photoshop para ter simetria no traço. Considero esta série ainda em amadurecimento pois ainda estava experimentando a maquiagem e buscando encontrar uma identidade ou estética Drag própria. Inicialmente as estéticas que busquei eram macabras e agressivas. Testei fazer delineados que fugissem do convencional e pudessem moldar o rosto para trazer outro aspecto. A influência Drag veio sutilmente mas a mantive a proposta de usar uma maquiagem carregada. Tive a inspiração no cyberpunk buscando traços que remetessem a algo cibernético ou robótico.

Figura 22 - Be Drag.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Após fazer os croquis, executei algumas maquiagens, não todas, pois para algumas era necessário alguns produtos que naquele período eu não tinha

adquirido ainda. As maquiagens que pude reproduzir fiquei satisfeito com o resultado e me motivou a fazer uma nova série de croquis.

Figura 23 - Be Drag, croqui e maquiagem.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

A próxima série de croquis realizei com lápis de cor. Estava encarando essa série de forma mais solta então decidi experimentar mais dessa vez.

Nesta série explorei bastante o *draping blush* que é uma técnica que a aplicação do blush se estende desde a maçã do rosto até às têmporas, técnica esta que aprendi assistindo programas de maquiagem, como em Glow Up. Neste período me interessei muito por conhecer técnicas de maquiagens e decidi testar algumas nessa série. Outra técnica que decidi explorar mais é o delineado gráfico, em especial o estilo tribal, que estava começando a virar tendência nas redes sociais. Posteriormente o estilo de delineado tribal se tornou cada vez mais recorrente em minhas maquiagens e desenhos, como no meu zine "Mal Me Quer" que publiquei no final de 2022.

Figura 27 - Maquiagem com base nos desenhos.



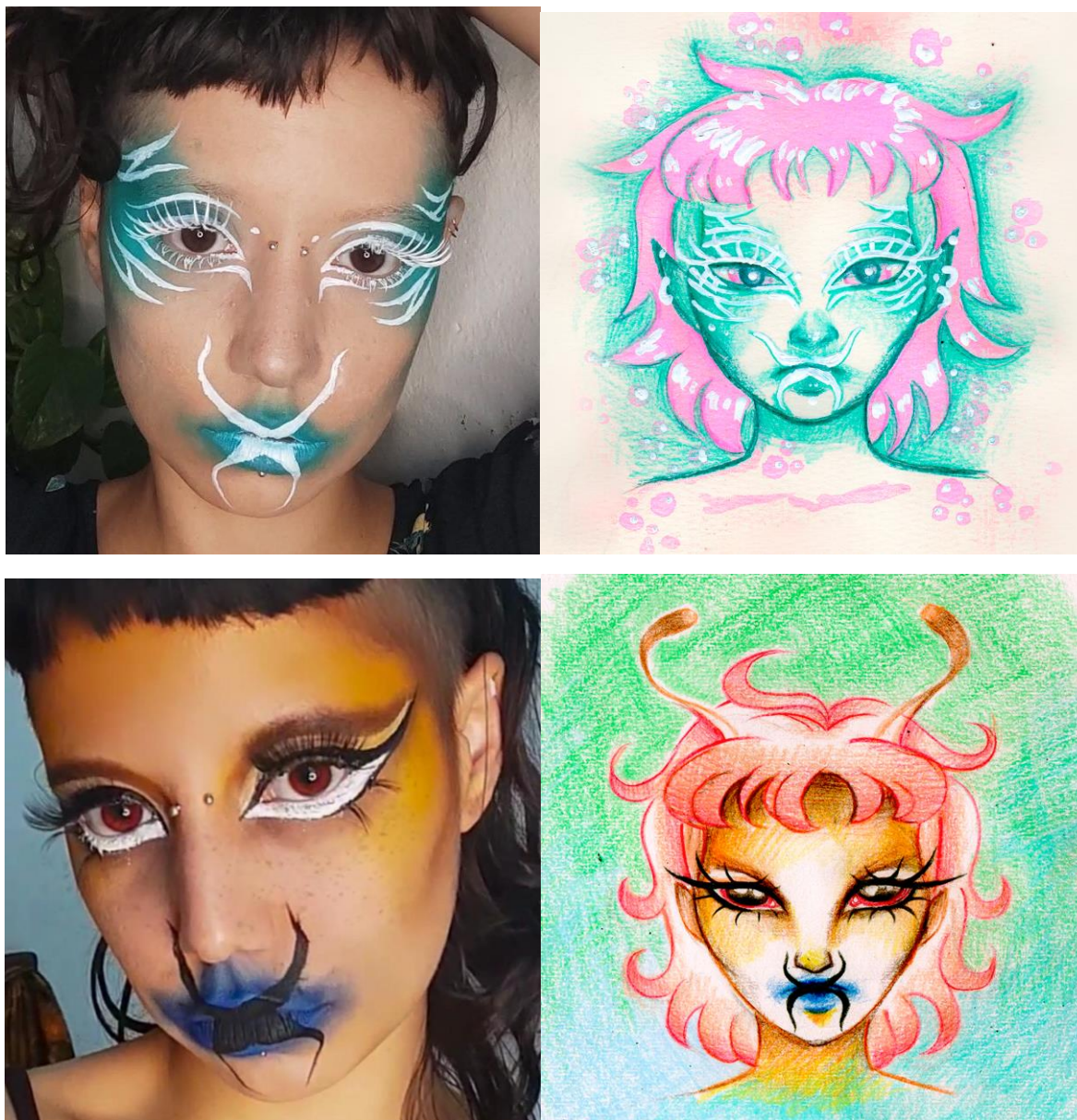
Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 24 - Croquis com lápis de cor.



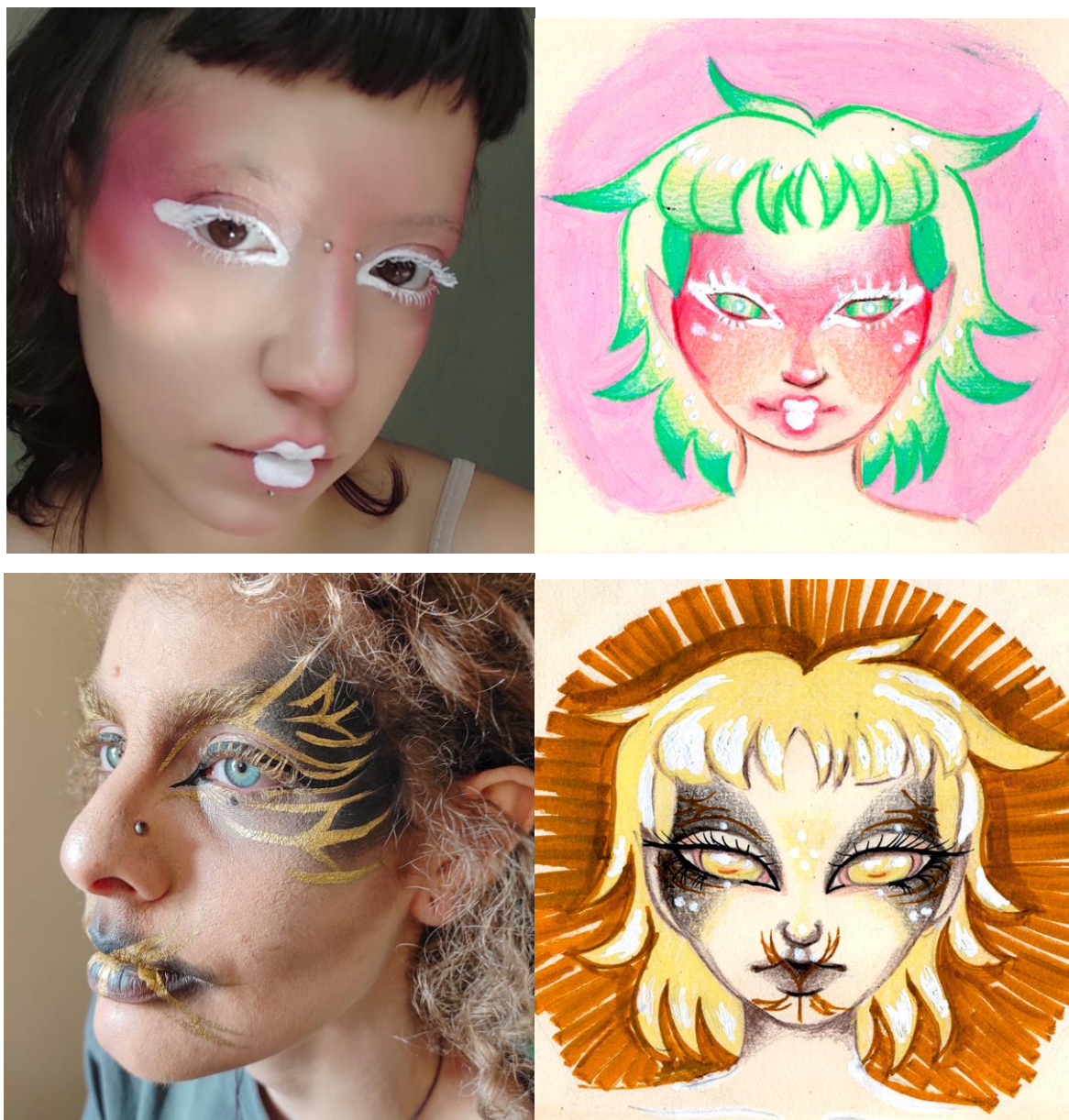
Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 25 - Maquiagem com base nos croquis.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 26 - Maquiagem com base nos croquis.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

O zine Mal Me Quer foi uma proposta para o lançamento da feira Faísca em Belo Horizonte, que aconteceria em 2022. A feira tinha como perfil publicações experimentais e no meu zine decidi usar materiais e técnicas que até então nunca tinha explorado: desenho somente em preto e branco, grafite, rotoscopia sobre fotografia e autorretrato.

Figura 28 - Mal Me Quer.



Fonte: Ea Damaia, 2022.

O mais desafiador neste trabalho foi realizar os auto retratos pois ainda não estava muito familiarizado com isso e me desenhar fugia muito da minha zona de conforto. No final fiquei satisfeito com o resultado, pude amadurecer meu processo

artístico e pessoal, afinal o zine tratava de assuntos muito íntimos e pessoais, como o luto por familiares que se foram, meu processo de transição de gênero, memórias, feridas e afetos.

Em *Mal Me Quer* revisito memórias de infância em busca de conexão comigo mesmo buscando entender e lidar com o luto pela perda do meu tio, criando então uma espécie de máquina do tempo através de fotografias antigas de criança e fotos dos meus pais, em quando ainda eram jovens e entre eles meu tio que faleceu no início de 2022. Foi muito marcante para mim pois a última vez que vi meu tio foi no dia do meu aniversário, recusei seu convite para ir numa loja de jardinagem, mal sabia eu que seria a última vez que o veria.

Este fato me afetou demais, me fazendo repensar toda a trajetória da minha vida, retomando ao passado e me fazendo refletir sobre os demais lutos que já me atravessaram: minha prima que faleceu aos seis anos, vítima de meningite bacteriana e falência generalizada dos órgãos, éramos como irmãs gêmeas; e meu avô, que teve uma morte gradual pois enfrentou por anos o câncer de pulmão, mas seu final foi trágico com uma hemorragia interna e o desenvolvimento de outro câncer no esôfago ocasionado pela radiografia.

Foi um período turbulento que pude externalizar uma parte desse sentimento preso em mim através do zine. E claro, a maquiagem muito presente durante todo o zine com o desenho tribal como parte principal da identidade visual da publicação e em todos os auto retratos recentes.

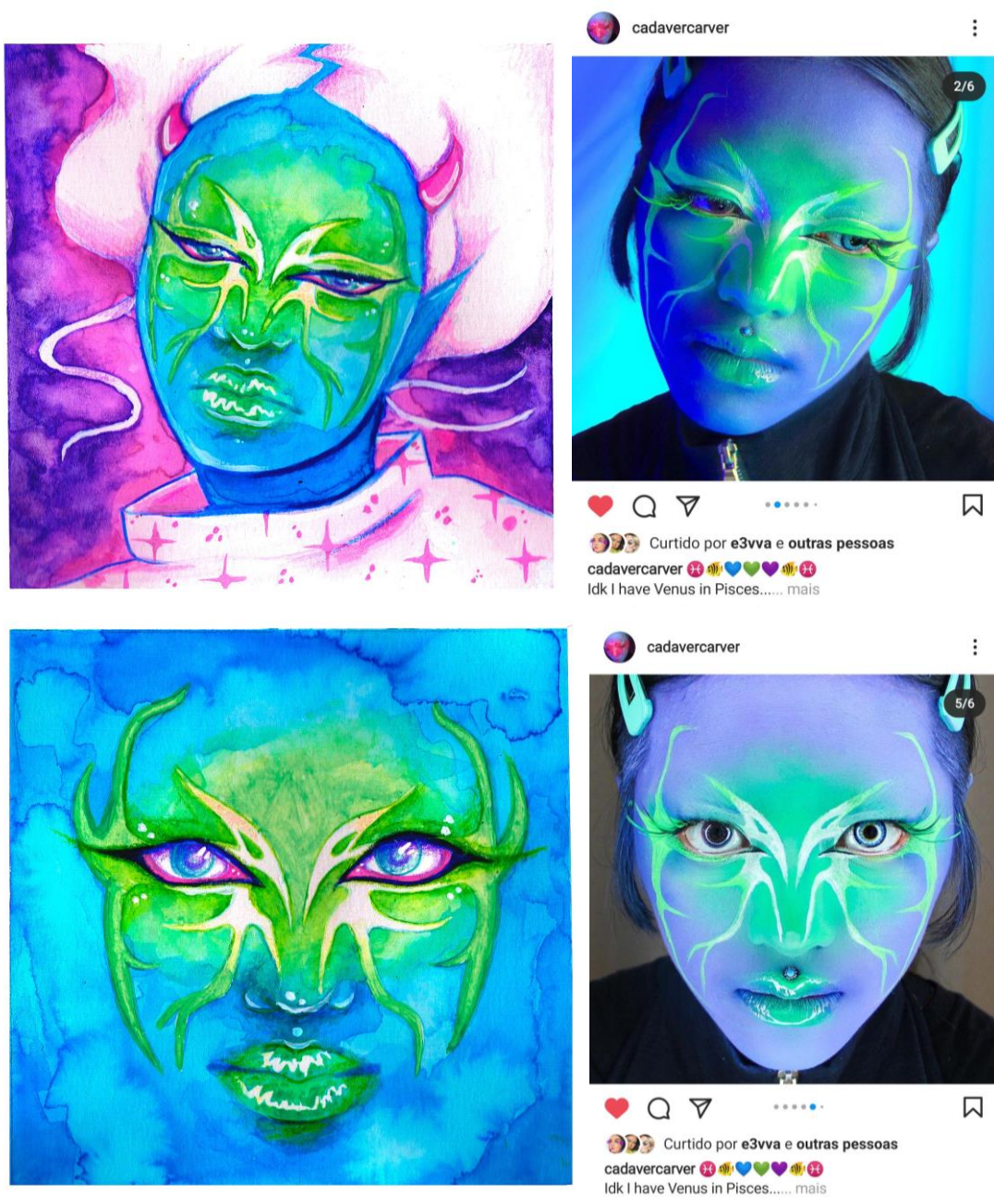
Figura 29 - Mal Me Quer.



Fonte: Ea Damaia, 2022.

Além dos croquis para minhas maquiagens, fiz o processo inverso, desenhei algumas maquiagens de outras pessoas que eram referências para mim. Como de Jent Minh-Giang Do, artista vietnamita que sigo há algum tempo, sempre acompanhei seu trabalho e fiz desenhos de suas maquiagens, de sua série sobre os signos do zodíaco, escolhi a maquiagem de Peixes pois suas cores e uso do delineado gráfico me chamaram muito a atenção. Nesse contexto de internet e redes sociais isso é bem comum. Uma seguidora reproduziu uma de minhas maquiagens que fiz o croqui. Foi uma troca bem divertida e o resultado da maquiagem dela foi muito polido. Também já reproduzi maquiagens de outros artistas, como Lauren Charlton, a ideia foi experimentar e testar maquiagens criadas por outras pessoas como inspiração para novas ideias e testar coisas novas.

Figura 30 - Aquarela de Jent Minh-Giang Do, captura de tela.

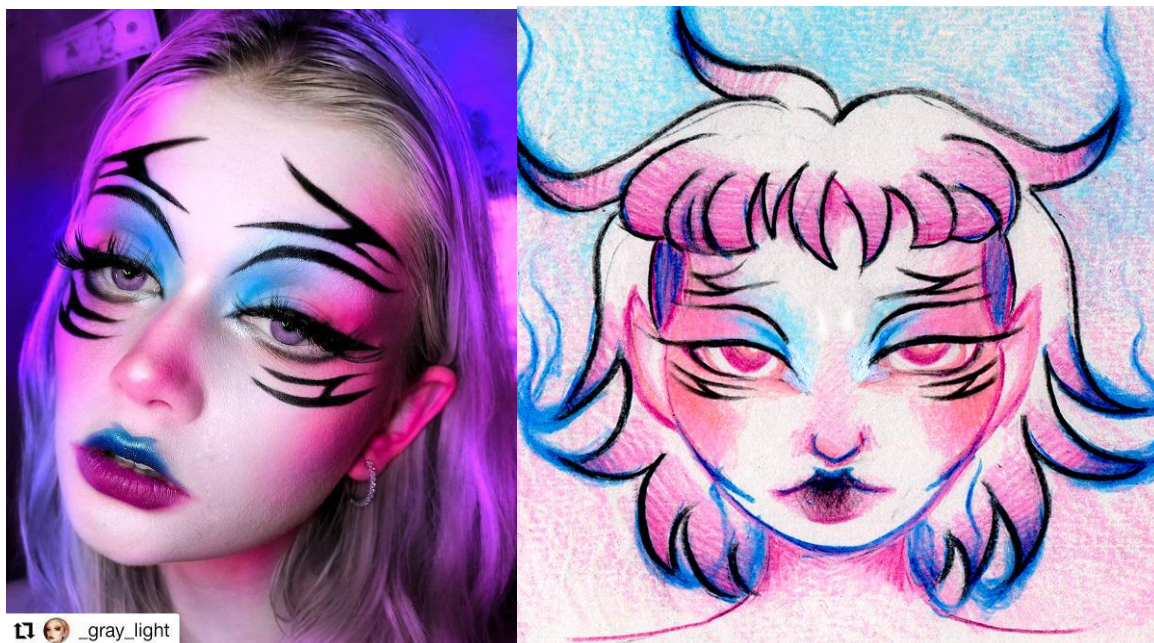


Fonte: Ea Damaia, 2020.

Gosto muito da comunidade da maquiagem nas redes sociais pois adoro esse movimento de artistas reproduzindo maquiagens uns dos outros. Com o uso das

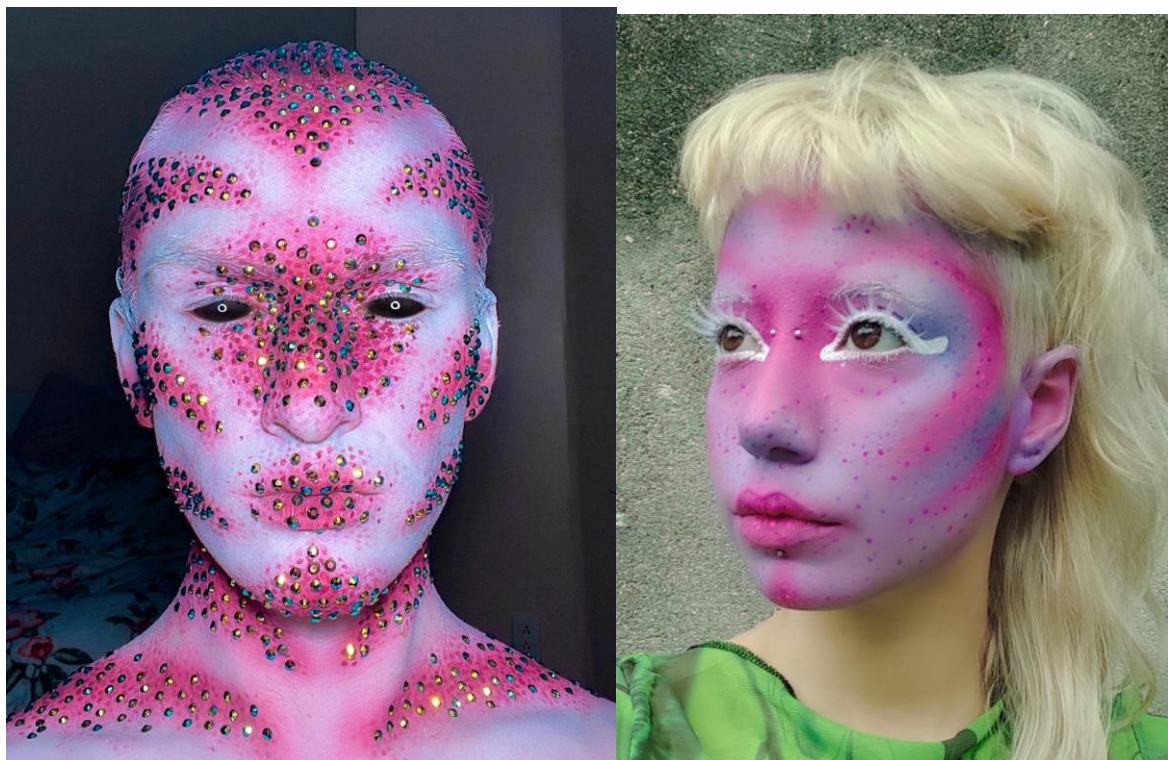
redes sociais é muito comum isso acontecer por meio de *trends* ou pela comunidade da maquiagem ou blogueiras.

Figura 31 - Maquiagem de Катюня com base no croqui de Ea Damaia.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 32 - Reprodução da maquiagem de Laurel Charleston.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

A maquiagem é uma arte muito recente em meus processos artísticos. Tive um contato mais profundo durante a pandemia e ainda tenho muito a descobrir e explorar nessa área. Trata-se de um processo em amadurecimento contínuo e constante descoberta e desenvolvimento. Mesmo que eu decida não levar a maquiagem como minha principal forma de arte ou profissão, ainda terei sua presença em minha vida nos próximos anos. Afinal, a maquiagem já faz parte de mim e está atrelada à minha pele e ao meu corpo. Cecília salles sobre processos criativos e contínuos diz:

Um outro aspecto que envolve a criação é que a continuidade do processo, aliada a sua natureza de busca e de descoberta, nos leva a encontrar formulações novas, trazidas por este

elemento sensorial do pensamento, ao longo de todo o processo. Sob esta perspectiva, todos os registros deixados pelo artista são importantes, na medida em que podem oferecer informações significativas sobre o ato criador. A obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso. (SALLES, 2006, p. 30).

Portanto, todos os processos aos quais irei me dedicar ao longo da minha trajetória artística e pessoal, principalmente relacionados à maquiagem, estão em constante descoberta e mudança. Estou sempre acolhendo as transformações que o tempo traz, abraçando novos gostos, preferências e processos criativos. Cada momento e motivação para produzir maquiagem são únicos e se adaptam às diferentes fases da minha vida.

Nessa jornada, compreendo que é importante estar aberto às mudanças e permitir que minha expressão artística evolua e se desenvolva. A maquiagem é uma forma de arte versátil, capaz de refletir minha personalidade e emoções e está em constante transformação.

4.3 Unmã: Drag ou Cosplay?

A partir do segundo semestre de 2021, dei início a uma história em quadrinhos chamada *Unmã*. O quadrinho passou por um processo intenso e imersivo, sendo produzido em aquarela e seguindo várias etapas até sua finalização. *Unmã* faz parte de um universo em construção, contribuindo para a elaboração de um imaginário próprio. Durante esse período, mantive o hábito diário de desenhar, o que me permitiu testar, errar e aprender bastante.

Figura 33 - Processo de pintura, *Unmã*.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 34 - Páginas originais, *Unmã*.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Desde 2018, venho trabalhando na criação de publicações independentes, como zines e quadrinhos. *Unmã* foi uma história que propõe expandir meu olhar em relação à criação de narrativas. Com o tempo, comecei a sentir a necessidade de escrever e desenhar histórias que refletissem um olhar trans.

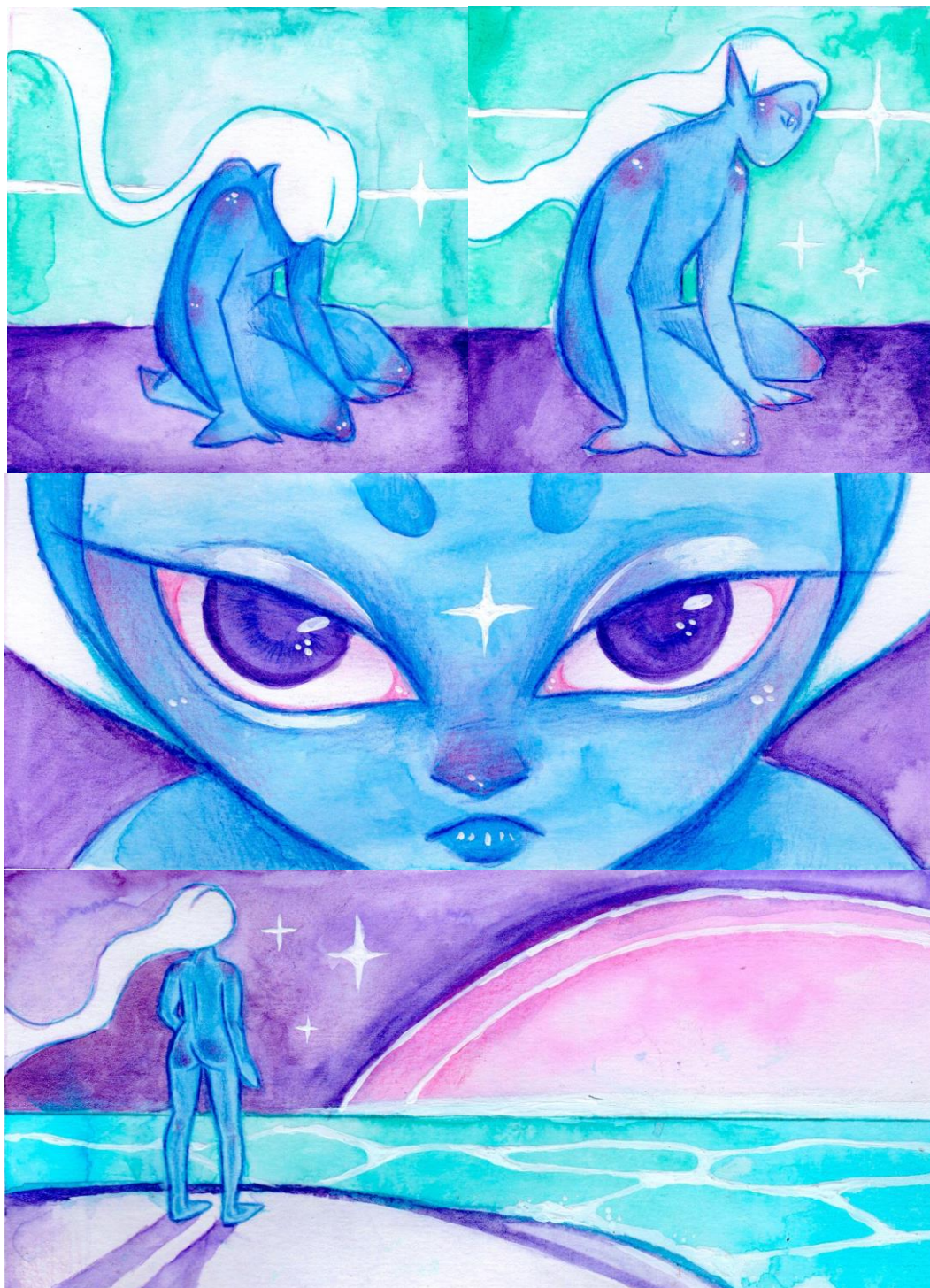
Desde o processo de elaboração, utilizei croquis para conceber os personagens e criar suas aparências. As cores e formas desempenharam um papel importante, utilizando a aquarela de maneira fluida para criar uma atmosfera etérea e cósmica. A trama gira em torno de uma criatura que desperta em um mundo misterioso e atravessa portais a fim de chegar à superfície desse universo. A cada portal atravessado, um novo elemento da natureza surge, desencadeando uma metamorfose na criatura e levando-a a assumir diferentes aparências. Para cada nova aparência, criei um croqui para estudar as cores e os formatos que pudessem transmitir cada metamorfose e sua respectiva aparência.

Figura 35 - Design de personagem, croquis, Unmã.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Figura 36 - Unmã.



Fonte: Ea Damaia, 2021.

Apesar de ter concluído o quadrinho, continuei com o processo criativo. Desta vez, utilizei minha própria pele como superfície, reproduzindo as maquiagens presentes nos croquis dos personagens. Isso se alinha com as reflexões de Cecília Sales sobre os processos de criação:

A criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade. Uma memória criadora em ação que também deve ser vista nessa perspectiva da mobilidade: não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo. A continuidade do processo e a incompletude que lhe é inerente, há sempre uma diferença entre aquilo que se concretiza e o projeto do artista que está por ser realizado. A busca no fluxo da continuidade, é sempre incompleta e o próprio projeto que envolve a produção das obras, em sua variação contínua, muda ao longo do tempo. (SALLES, 2006, p. 12-13).

Assim, embora o quadrinho tenha sido finalizado, todo o processo de sua criação continua em andamento e sempre que decido retomar os desenhos, as maquiagens ou até mesmo considerando uma futura continuação do quadrinho, sinto que o processo está em constante evolução.

No ano de 2022, tomei a decisão de adaptar o quadrinho para o formato de animação, dando origem a um *Motion Comic*. Trata-se de uma forma de animação limitada que mescla elementos da história em quadrinhos com a animação. Essa

adaptação tem como objetivo ampliar a experiência do espectador, adicionando novas dimensões à obra, como efeitos sonoros, trilha sonora, dublagem e um ritmo narrativo renovado.

Até o momento atual a animação existe apenas na forma de um *animatic*, que é um rascunho de vídeo contendo uma trilha sonora e efeitos sonoros temporários. Esse animatic serve como guia para a trilha sonora original. Para os efeitos sonoros e trilha sonora, recorri a um banco de sons e músicas gratuitas que encontrei na internet, sendo uma abordagem experimental em que utilizei os recursos e o conhecimento que estavam ao meu alcance. Embora o animatic represente um trabalho inacabado, ou apenas o rascunho dele, até o momento atual desta dissertação, considero que esse universo de *Unmã* ainda está em processo de construção. Portanto, tenho a liberdade de retomar esse projeto quantas vezes for necessário, destacando sua natureza em constante evolução, conforme ressaltado por Cecília Salles em suas observações sobre o processo criativo:

:

O artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo também valor dinâmico, na medida em que gera busca que se materializa nesse processo aproximativo, na construção de uma obra específica e na criação de outras obras, mais outras e mais outras. O objeto dito acabado pertence, portanto, a um processo inacabado. Não se trata de uma desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa como final e única forma possível. (SALLES, 2006, p. 14).

Após a conclusão das pinturas em aquarela para o quadrinho, retornei algumas vezes a esse trabalho, experimentando e explorando novas abordagens, especialmente no campo da maquiagem. Desde 2020, tenho seguido um processo que envolve desenho e maquiagem, funcionando de maneira simbiótica e co-criativa, em que uma linguagem complementa a outra. À medida que comecei a reproduzir as maquiagens com base nos croquis dos personagens, esse universo passou a se expandir de maneira progressiva.

Inicialmente, esse universo existia apenas no papel, porém, agora, minha pele se tornou uma superfície, conferindo uma nova dimensão ao mundo de *Unmã*. Portanto, trata-se de um universo em contínua expansão, presente tanto no meio do desenho, com quadrinhos e animações, quanto na maquiagem ou em qualquer outra mídia. Isso revela as múltiplas possibilidades desse imaginário que estou construindo. Nesse contexto, Cecília Salles destaca o valor desse gesto, que se mantém inacabado, mas simultaneamente em constante processo de construção:

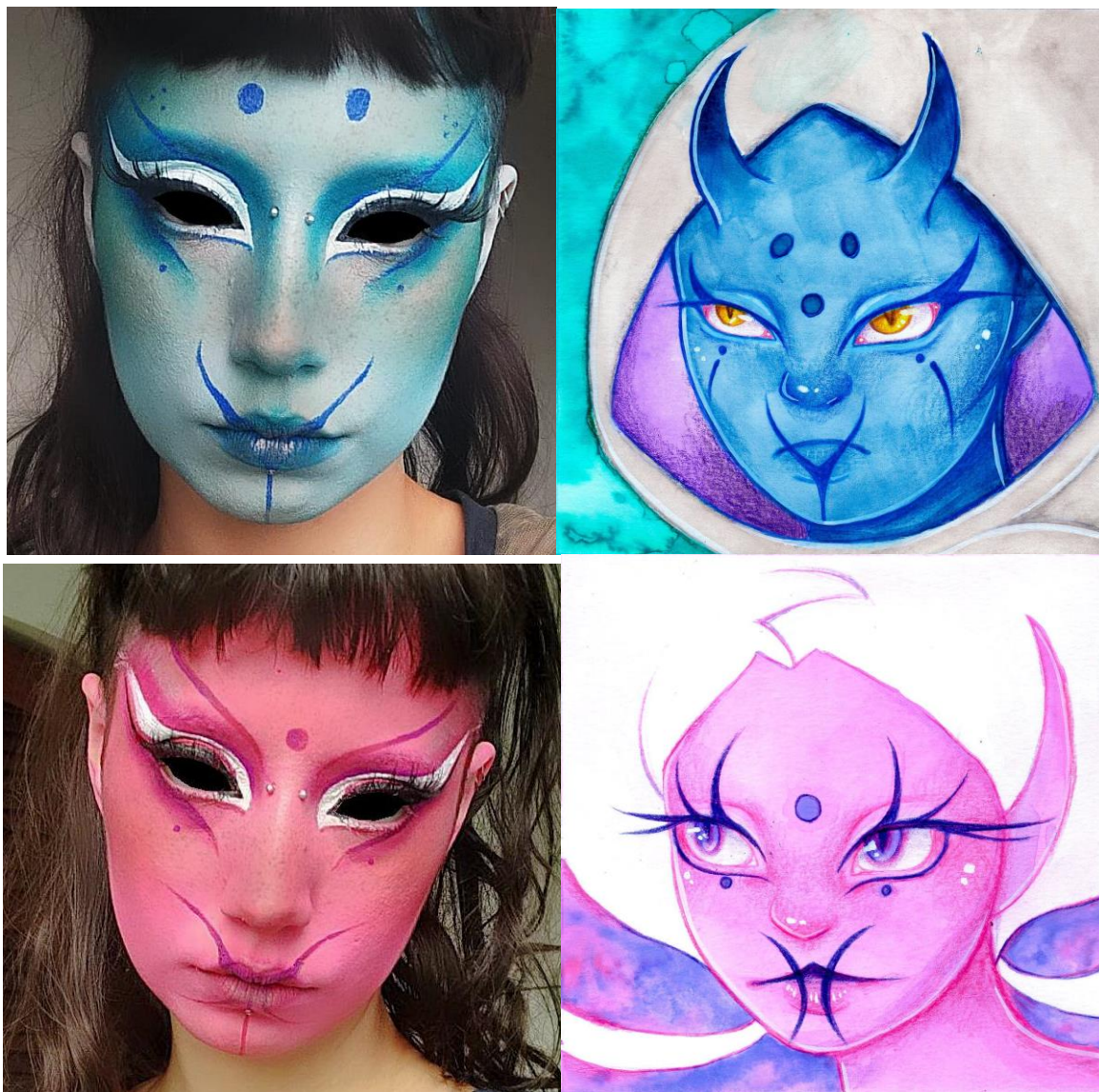
No Gesto Inacabado, demos destaque a esse trajeto com tendências incertas e indeterminadas, que direcionam o artista em sua incansável busca pela construção de obras que satisfaçam seu grande projeto poético; construção essa, fortemente marcada por questões comunicativas. (SALLES, 2006, p. 7).

Portanto, ainda existem muitas questões que busco maneiras de comunicar e expressar por meio do meu trabalho. Por essa razão, minha expressão artística se manifesta através de diversas formas, adotando uma abordagem transmidiática que se estende por várias linguagens.

A maquiagem baseada nos croquis dos personagens do quadrinho me trouxe reflexões sobre como abordar e enquadrar esse estilo de maquiagem. Busquei categorias ou termos que pudessem dar nome a esse processo. Surgiu, então, uma incerteza: como definir essa maquiagem? Seria como um cosplay de mim mesmo? Uma manifestação da persona da minha Drag? Essas indagações me colocaram em uma situação confusa sobre como classificar minha maquiagem. Tanto o cosplay quanto a Arte Drag estão envolvidos em atos performáticos e na criação de personagens.

A relação entre o cosplay e a Arte Drag não é direta, mas há algumas sobreposições e influências mútuas. Ambas as formas de expressão envolvem a transformação do corpo em um personagem e a criação de uma performance em torno desse personagem. Assim, a maquiagem, nesse contexto, talvez se encontre em um território ambíguo entre essas duas categorias.

Figura 37 - Maquiagem cosplay/Drag,

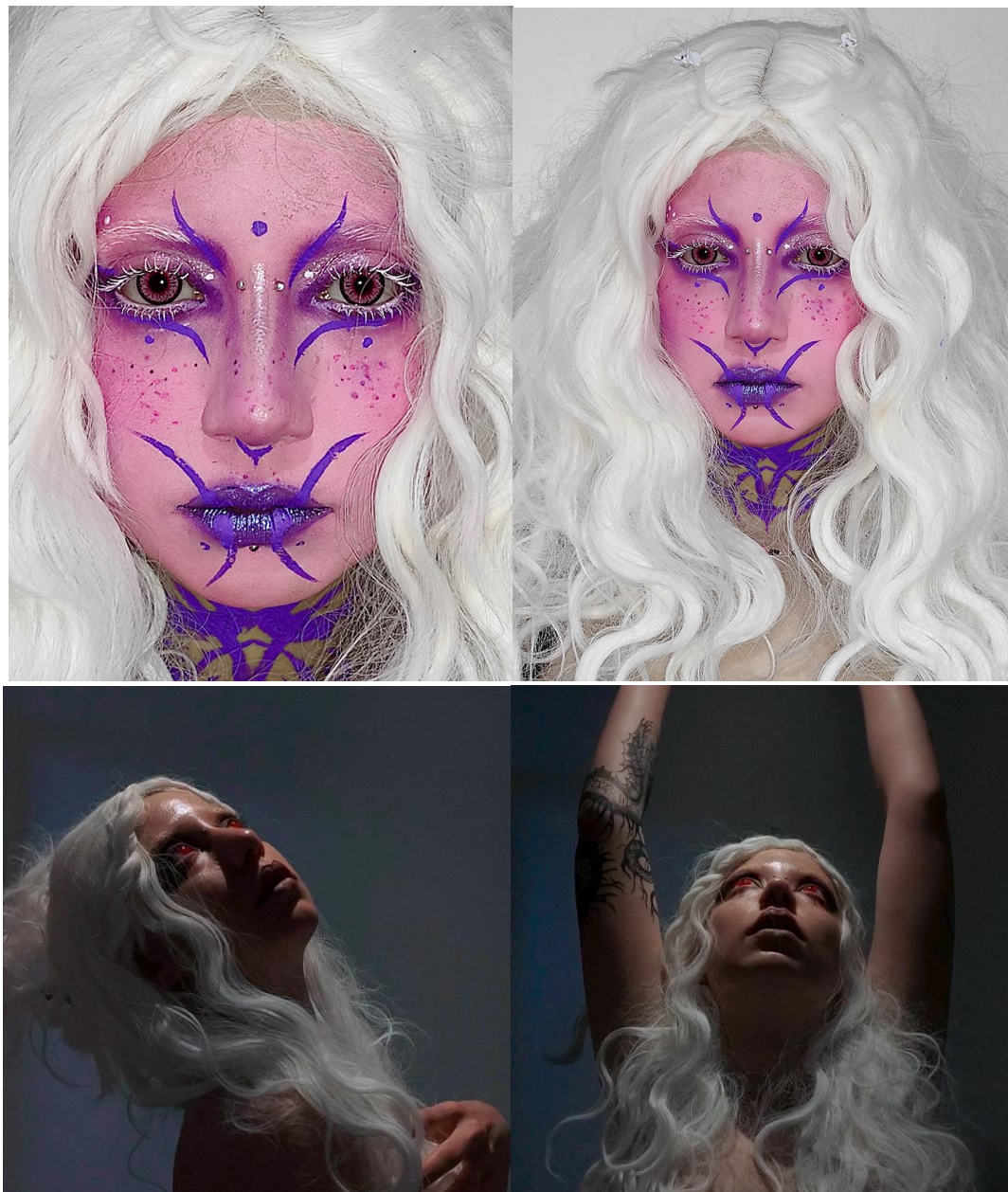


Fonte: Ea Damaia, 2022.

As criaturas que protagonizam a história ganham uma nova dimensão quando incorporadas à minha própria pele. Portanto, questiono-me se *Unmã* poderia ser o nome da minha criatura Drag. Uma criatura que compartilha o mesmo universo que eu criei e que se funde com a realidade em que vivo. Afinal, além de ser o título do quadrinho e o nome desse universo, *Unmã* também pode ser uma

identidade de criatura Drag. Através da *montação* Drag, posso me transformar nesse personagem, incorporando-o em minha própria expressão artística.

Figura 38 - Maquiagem cosplay/Drag.



Fonte: Ea Damaia.

5 Atendimentos

Desde que comecei a ver a maquiagem como uma forma de arte, tive a relação apenas como automaquiagem. A partir de 2022, comecei a realizar maquiagem em outras pessoas para fins de atendimento. Minhas primeiras experiências com atendimentos foram em maquiagens para festas infantis e eventos, e mais tarde, de maneira mais formal, para artistas e clipes musicais.

Lidar com a maquiagem em outras pessoas no início foi desafiador e até um pouco intimidante. É necessário dominar bem a técnica e criar uma maquiagem que valorize a anatomia do rosto da pessoa, principalmente em casos de maquiagem de embelezamento. Uma das coisas que foi particularmente desafiadora para mim foi encontrar o tom correto de base para meus clientes. Trabalhar em mim mesmo é mais fácil, afinal o produto que uso já está no meu tom de pele. No entanto, para outras pessoas, nem sempre é simples encontrar o tom exato, muitas vezes exigindo misturas de bases até encontrar a combinação adequada, o que me fez buscar noções sobre colorimetria na maquiagem.

Nos meus primeiros atendimentos, tinha recursos limitados, especialmente em relação às tonalidades de base. A base é um dos produtos mais caros da maquiagem, e comecei com três tons diferentes: um mais claro, um médio e um mais escuro. No entanto, tive que praticar bastante até me sentir confiante e seguro em criar misturas para meus clientes. O processo criativo das maquiagens para atendimento não difere muito da forma como crio para mim mesmo.

Até agora, tive a sorte de ter bastante liberdade criativa em todos os atendimentos. Recebia um *briefing* do cliente sobre suas preferências e, antes do atendimento, fazia um esboço para planejar os produtos, cores e estilo de maquiagem que seria aplicado. Embora eu goste de maquiagens intensas e

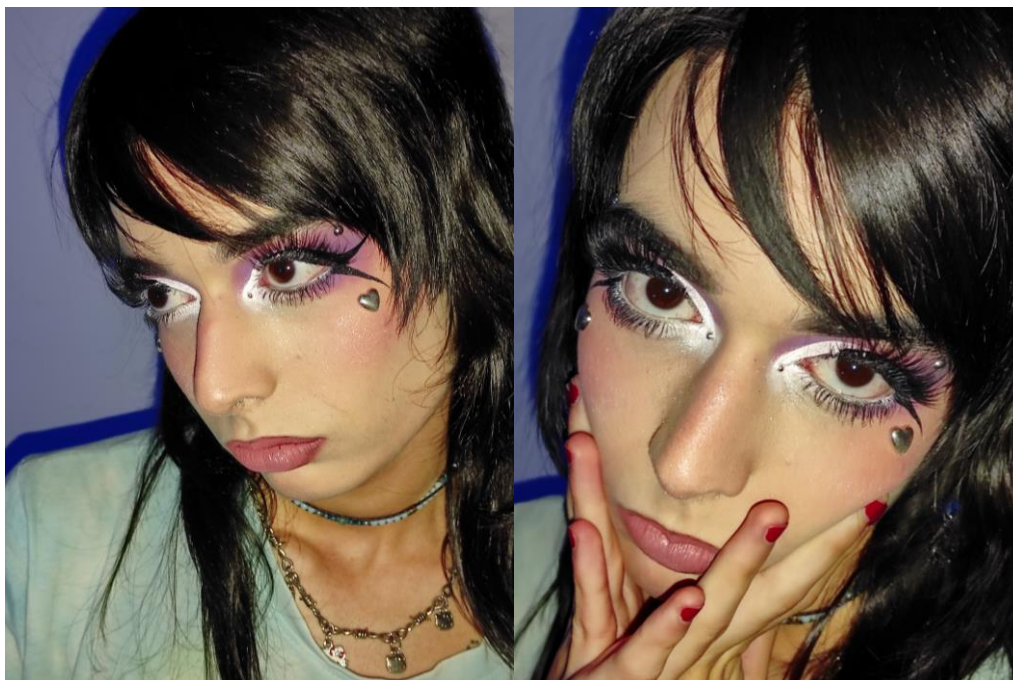
marcantes, compreendo que nem sempre esse estilo é o com mais demanda. Considerando minhas experiências, percebi que poderia seguir uma carreira profissional na área da maquiagem. Decidi então criar um portfólio diversificado, abrangendo uma variedade de estilos de maquiagem para atender às diferentes necessidades.

Durante meus atendimentos com maquiagem, quando tenho liberdade criativa, costumo elaborar a maquiagem através de desenhos e rascunhos antecipados, tudo elaborado através dos croquis. Essa prática me auxilia durante a aplicação da maquiagem, uma vez que os rascunhos servem como guias e também incluem a descrição dos produtos que serão utilizados, agilizando meu trabalho.

Ao longo do tempo, os atendimentos foram se tornando gradualmente mais recorrentes, e fui adquirindo experiência com eles. Em minhas produções, como ensaios para a divulgação de meus produtos, como camisetas e bolsas, aproveitava a oportunidade para produzir também os modelos, fazendo a maquiagem. Antes de me envolver em projetos de maquiagem, ela já era um elemento presente em minhas produções. A maquiagem começou a se tornar uma possibilidade profissional além de uma expressão artística em potencial a ser explorada.

Percebendo que é possível seguir um caminho na área da maquiagem, começo a pensar em criar um website que apresentasse meus trabalhos anteriores e os novos. Assim, a ideia de produzir um ensaio fotográfico surgiu. A proposta é simples: criar um ensaio com maquiagens diversas como de embelezamento, editoriais e até mesmo com influências da Arte Drag. Nesse ensaio, quis demonstrar versatilidade sem perder minha identidade na maquiagem.

Figura 39 - Maquiagem para Ghast Chloe.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 40 - Maquiagem para Numa.



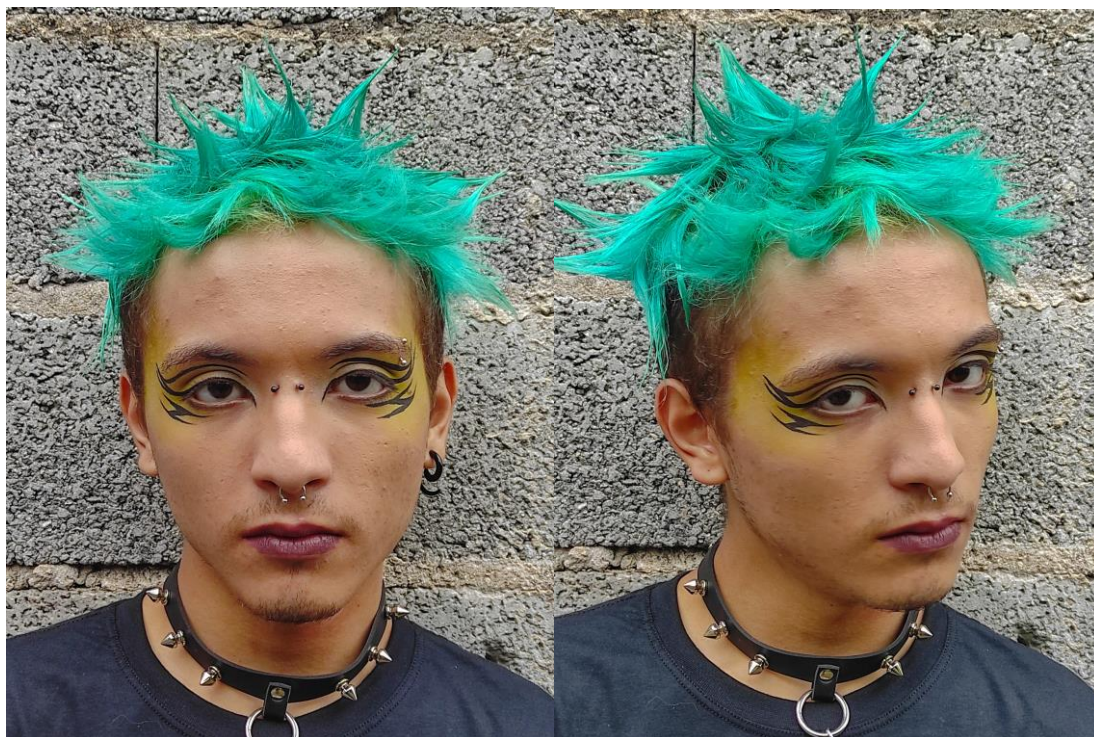
Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 41- Atendimento.



Fonte: Ea Damaia, 2022.

Figura 42 - Ensaio Luz Infinita.



Fonte: Ea Damaia, 2020.

Figura 43 - Ensaio Luz Infinita, 2020.



Fonte: Ea Damaia, 2020.

Figura 44 - Ensaio Jardines, 2022, Ea Damaia.



Fonte: Ea Damaia, 2020.

6 Ensaio para Portfólio

Figura 45 - Bastidores do editorial para portfólio.



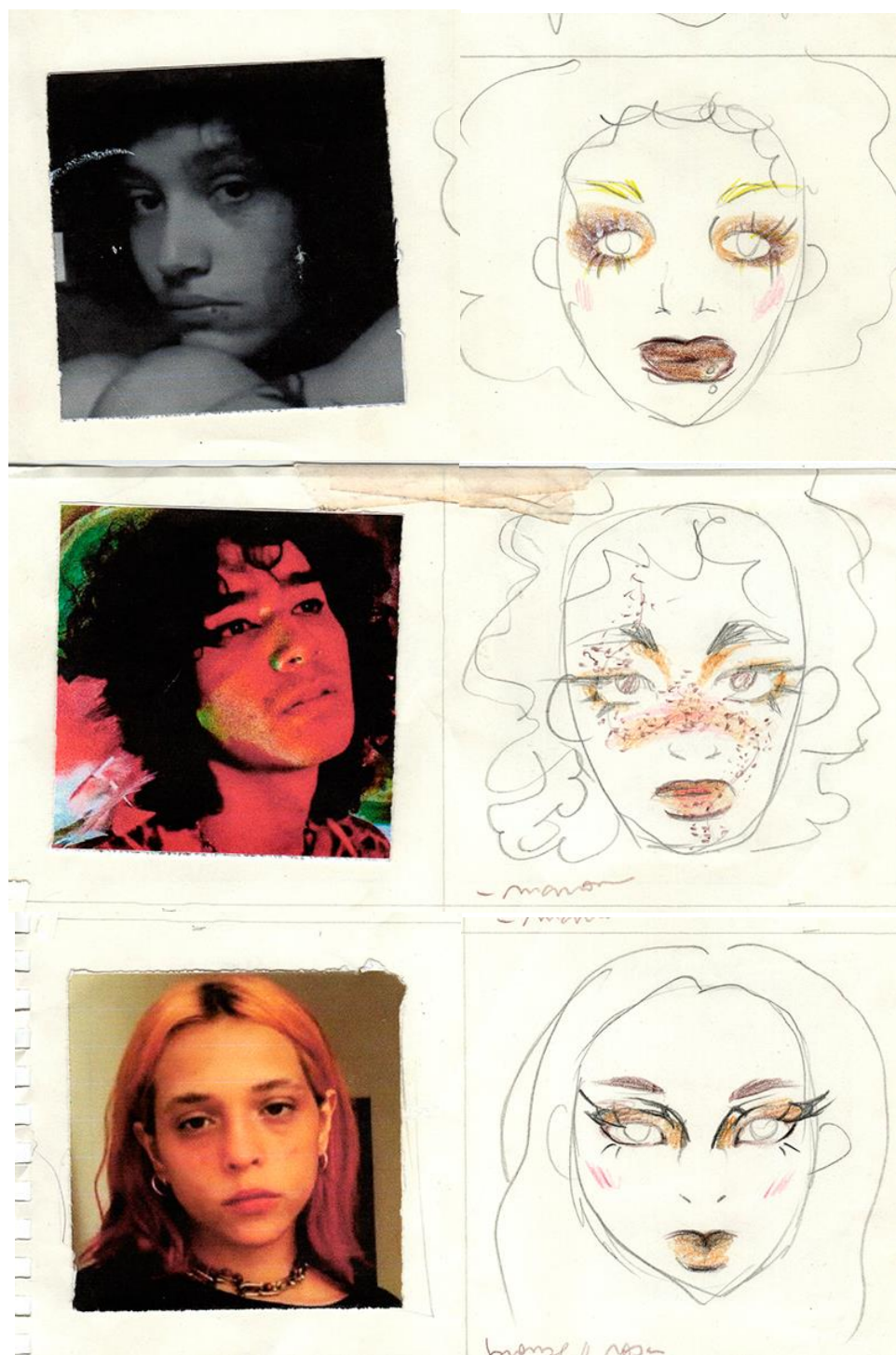
Fonte: Ea Damaia, 2023.

Em abril de 2023, realizei o primeiro ensaio editorial que produzi. Convidei uma fotógrafa profissional e voluntários para receber as maquiagens e montar um álbum.

No desenvolvimento e criação das maquiagens, fiz croquis e rascunhos para criar os looks. As maquiagens foram elaboradas considerando a personalidade de cada modelo, combinando com referências da internet e adicionando meu próprio estilo à maquiagem. Dentre os estilos que gosto de trabalhar, estão o delineado

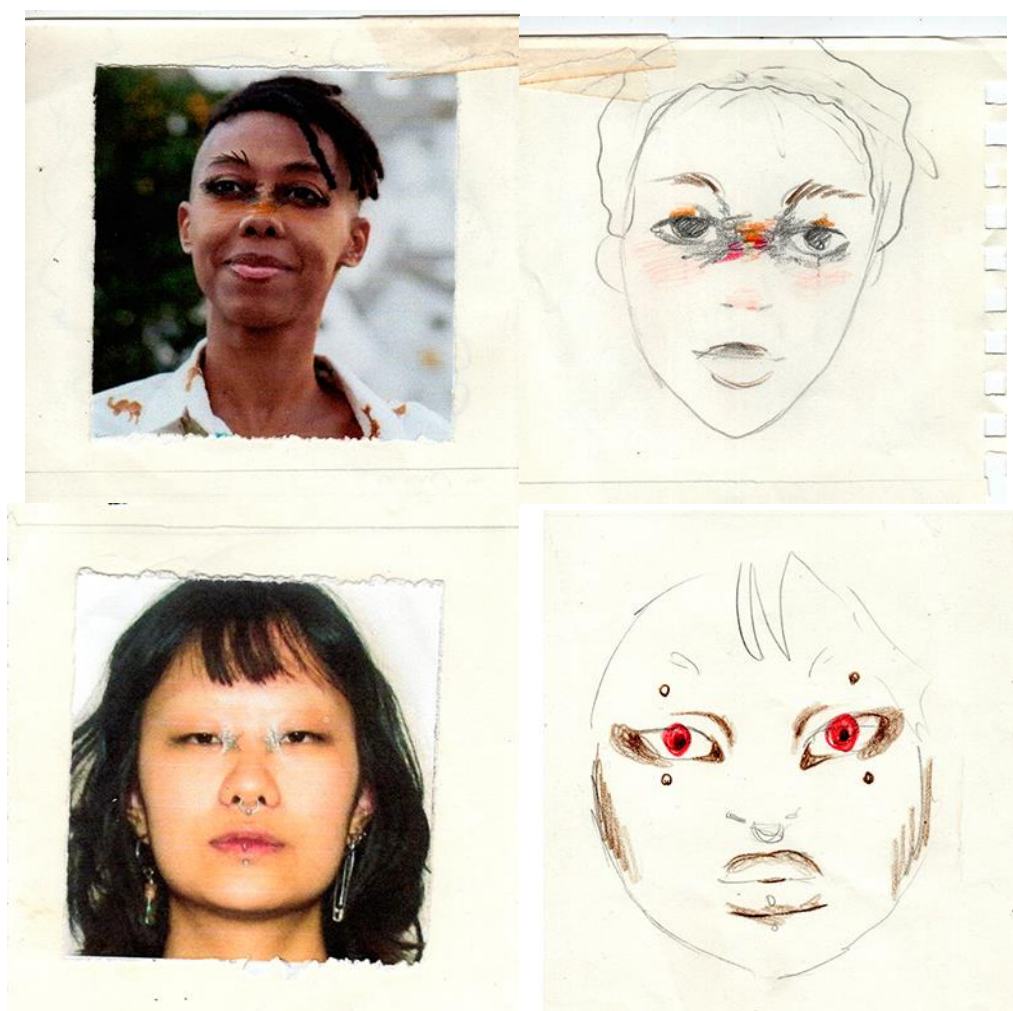
gráfico e o uso de elementos tribais, além de maquiagem Drag e maquiagem para editorial.

Figura 46 - Croquis do editorial para portfólio.









Fonte: Ea Damaia, 2023.

Ficha Técnica

O ensaio contou com a colaboração de 13 modelos voluntários, entre amigos e pessoas próximas. O ensaio foi realizado no IA Unesp, no estúdio de fotografia.

Produção e Beleza - Ea Damaia

Assistência de styling e Cabelo - Alessandra e Sabrina Prado

Fotografia - Ingrid Alves

Modelos:

Amanda Avilar, Ayu Yagi, Gabriella Alves, Gika Corbane, Grace Orsato, Hiroko Takahashi, Laura Vampiro, Léo Oliveira, Livia Liu, Lucas Castro, Onssa, Rodrigo Kenzo e Vega,

Figura 47 - Rodrigo Kenzo.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 48 - Grace Orsato.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 49 - Lucas Castro.



Fonte: Ea Damaia, 2023

Figura 50 - Ayu Yagi.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 51 - Amanda Avilar.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 52 - Hiroko Takahashi e Gabriella Alves.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 53 -Ayu Yagi e Grace Orsato.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 54 - Hiroko Takahashi.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 55 - Gabriella Alves.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 56 - Vega, Livia Liu, Onssa, Gika Corbane e Rodrigo Kenzo.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 57 - Hiroko Takahashi e Gabriella Alves.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 58 - Rodrigo Kenzo e Lucas Castro.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 59 - Vega.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 60 - Gika Corbane.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 61 - Lívia Liu.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 62 - Onssa.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 63 - Léo Oliveira.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 64 - Amanda Avilar.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 65 - Laura Vampiro.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 66 - Vega, Ayu Yagi, Hiroko Takahashi e Gabriella Alves.



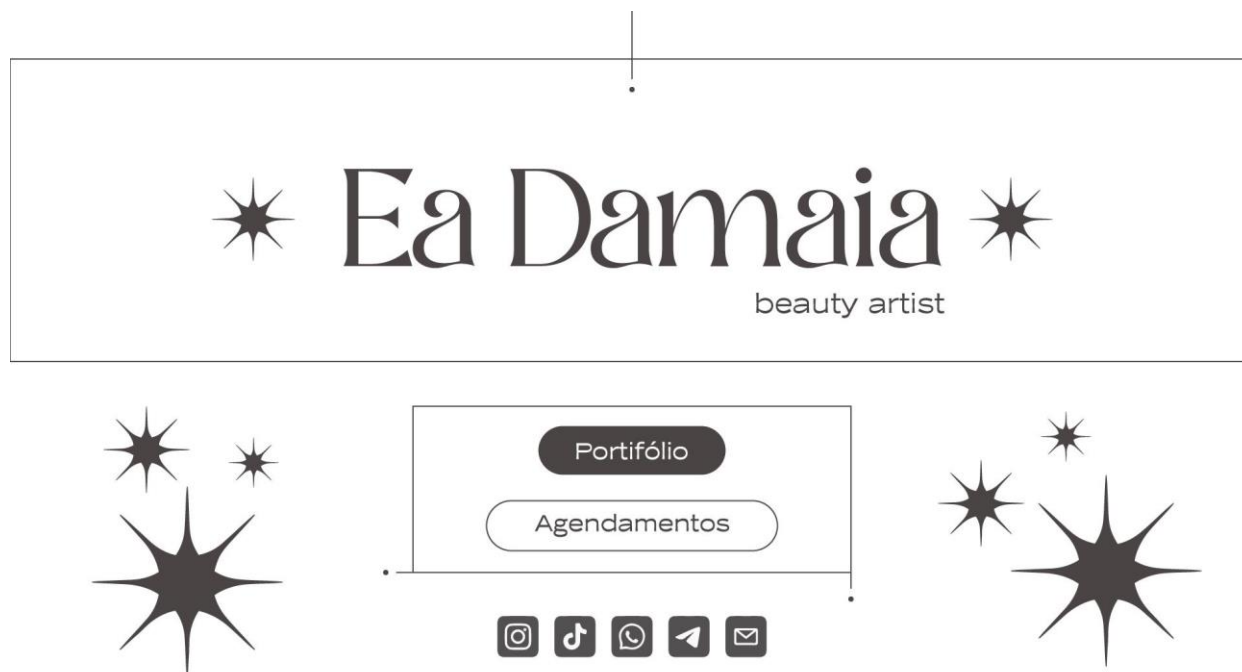
Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 67 - Lívia Liu, Lucas Castro, Gika Corbane e Rodrigo Kenzo.



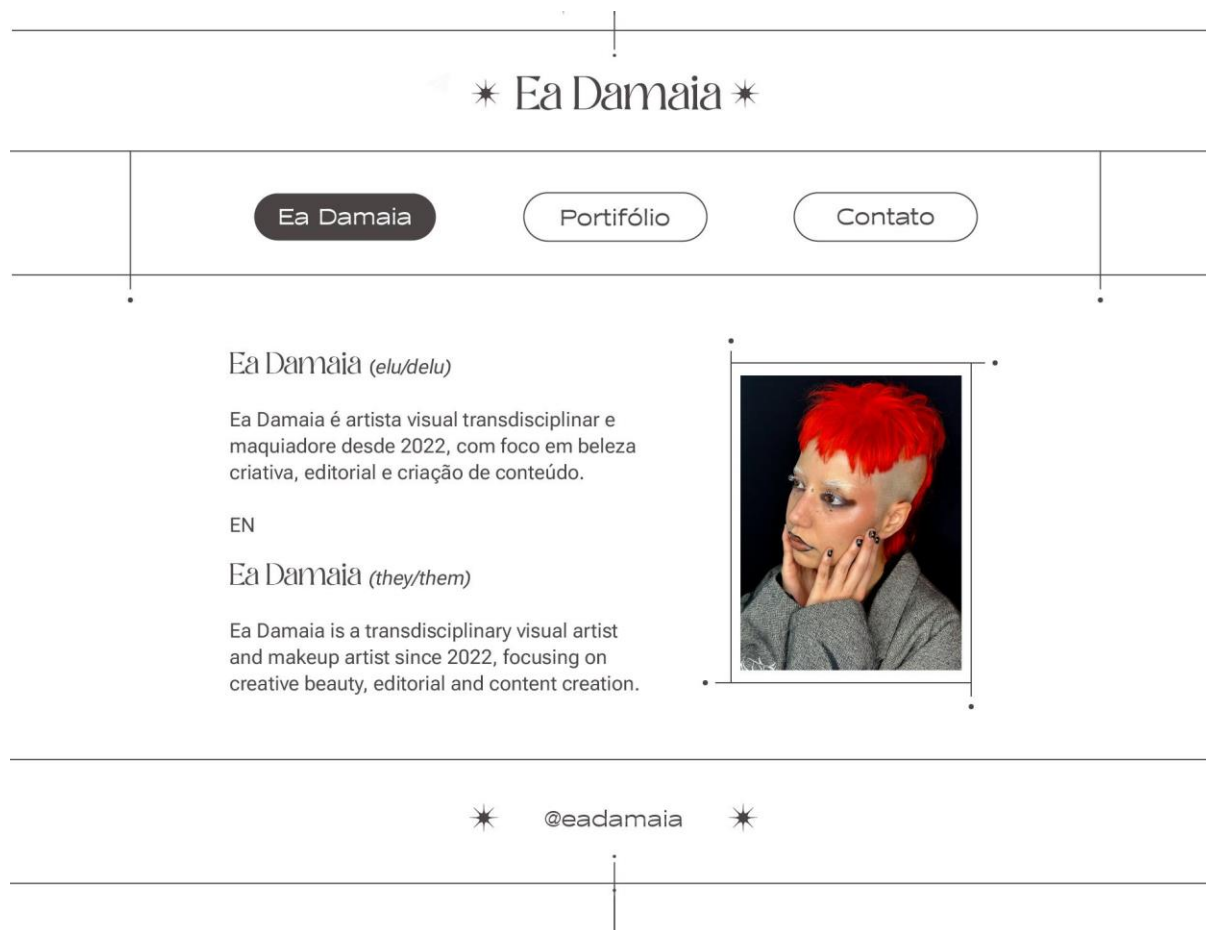
Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 68 - Website, Página Inicial.



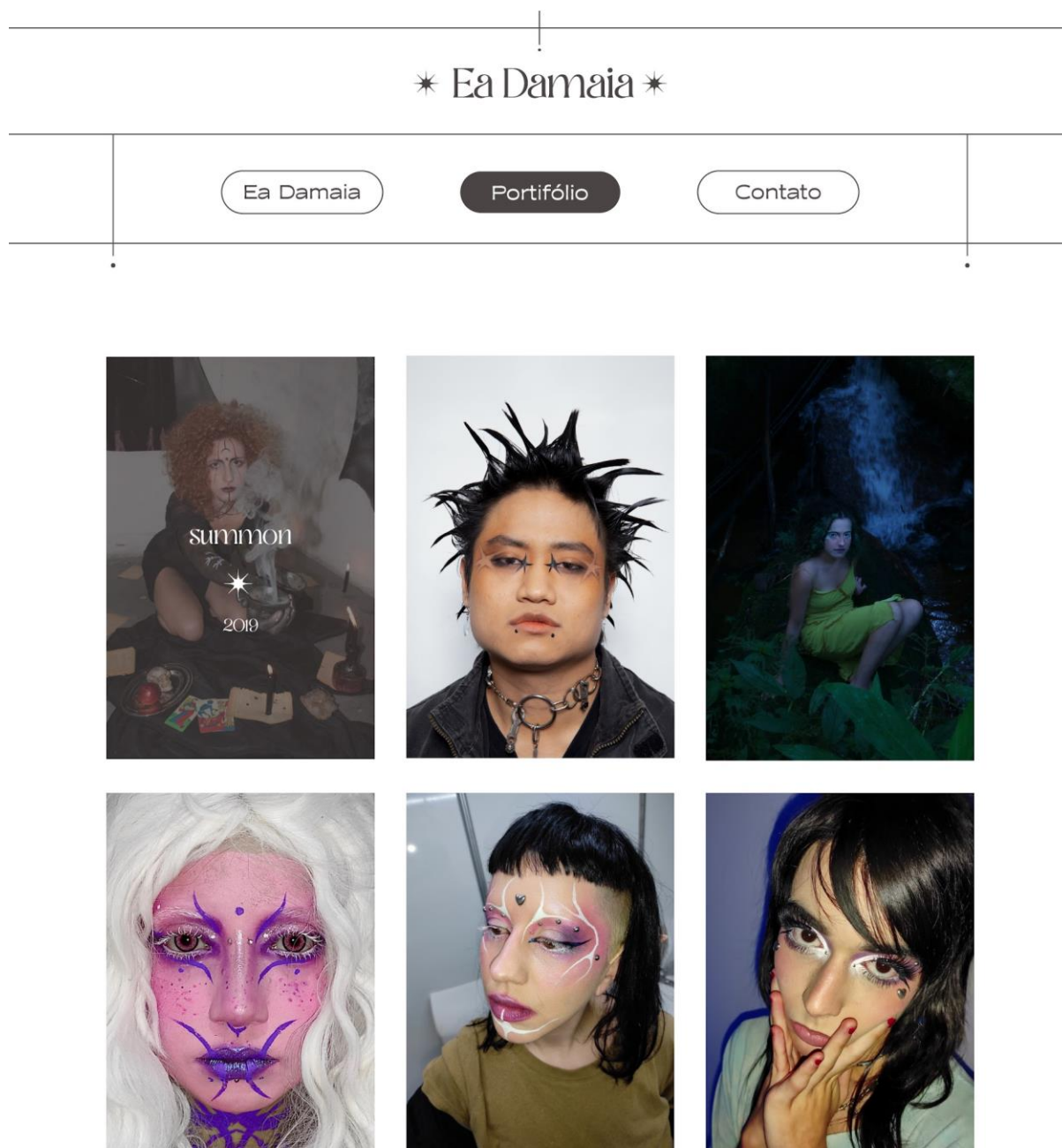
Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 69 - Website, Página da Bio.



Fonte: Ea Damaia, 2023.

Figura 70 - Website, Página da Portifólio.



✱ @eadamaia ✱

Fonte: Ea Damaia, 2023.

7 Considerações Finais

A maquiagem vai além da mera aplicação de pigmentos e texturas na pele. Ela se revela como uma poderosa forma de expressão artística que penetra profundamente em complexas camadas da experiência humana. Ao considerá-la, reconhecemos sua função não apenas como uma linguagem visual ou de embelezamento, mas também como uma manifestação de identidade de gênero e um agente político de grande potencial. Ao longo da história, a maquiagem se insere nas tradições culturais, nas artes visuais e nas práticas espirituais, transcendendo fronteiras e moldando narrativas.

A maquiagem tem o poder de ser uma força desviante e subversiva, uma ferramenta de resistência e afirmação. Isso é especialmente evidente na Arte Drag, uma forma de expressão que desafia normas de gênero e utiliza a maquiagem para criar personas únicas e espetaculares. Além disso, subculturas como Visual Kei, Gyarū e o movimento Gótico empregam a maquiagem como uma maneira de se rebelar contra as expectativas sociais dominantes, redefinindo padrões estéticos e expressando suas identidades de maneira audaciosa.

A maquiagem não se limita a adornar o rosto, mas também atua como um modificador corporal. Ela transcende as fronteiras do corpo, expandindo as possibilidades da forma física por meio de ilusões habilmente criadas. Com o uso de próteses, como lentes de contato e cílios postiços, a maquiagem permite uma metamorfose visual, conduzindo a uma aparência distinta que ressoa com significados únicos. Essas adições criam um impacto poderoso na leitura social, transmitindo mensagens sutis e assertivas sobre identidade, estética e pertencimento.

Portanto, a maquiagem é muito mais do que uma simples camada superficial; ela é um veículo multifacetado de comunicação, uma manifestação cultural e uma ferramenta de empoderamento. Ela destila histórias, provoca diálogos e desafia convenções, demonstrando como algo aparentemente efêmero pode possuir um impacto profundo e duradouro nas maneiras como nos entendemos e nos conectamos com o mundo ao nosso redor.

Referências

BEAUVOIR, Simone. 2009. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COHEN, Renato. Performance como Linguagem. São Paulo, Perspectiva, 2013.

DESIDERI, Marcio. Processo criativo da maquiagem nas artes visuais: O ponto de vista de um “maquiartista”. São Paulo, 2021.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1). Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Paz & Terra. São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. Tradução de Bruno Mações. Edições 70. São Paulo, 2010.

HALL, Jake. The Art of Drag. Londres / New York: Nobrow Ltd. 2020.

KHOURY, Mizuki. How Japan's craziest rock band changed the country. SABUKARU online & Gata. Tokyo, Japão, 2022.

MOIRA, Amara. E se eu fosse puta. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

Pensamento feminista hoje - Sexualidade no sul global. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2020.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. 3.ed. São Paulo: Perspectiva 2008.

PRECIADO, Paul B.. Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

PRECIADO, Paul B.. Testo Junkie - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo. N-1 Edições, 2018.

SABUKARU online. Gyar culture: yone-san and the cult of egg magazine. Tokyo, Japão, 2022.

SABUKARU online. Portrait of a Gyar. Tokyo, Japão, 2022.

SABUKARU online. The return of the loose sock, early Gyar roots to y2k punk right now. Tokyo, Japão, 2022.

SALLES, Cecília. O gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP, 1998.

SALLES, Cecília. Redes de Criação. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

TINELLI, Simone. Maquiador: Manual prático da maquiagem. Santa Cruz do Rio Pardo: Viena, 2016.

Apêndice

Fotografias de arquivo pessoal de Ea Damaia, registros de 2020 a 2023.

















